

Armagedon na Cidade do Pará



e a polêmica Ressurreição do Engolecobra

Flávio Nassar

Secult-PA

Um burlesco e satírico fim dos Tempos

Benedito Nunes

Não tendes aqui uma história diretamente contada, seja em forma de drama ou de simples narração. A sua matéria, o Juízo Final, como a finalização do processo temporal gerador do humanamente histórico, já é o oposto a qualquer História. E se a execução de tal Juízo pudesse ser contada, isso se passaria nas alturas apocalípticas, onde tudo se vê simbólica, senão alegoricamente, a menos que a História se rebaixasse, e fosse, passando do sublime ao cômico, como nesta história que vos conta Flávio Sidrim Nassar, arrevesado acontecimento, o sagrado à altura do profano, esses dois planos alternados ou confundidos.

Os primeiros a efetuarem o rebaixamento e a produzirem o arrevesamento, de que resulta o golpe de humor das páginas seguintes, foram os discípulos de Sócrates denominados cínicos, a exemplo de Menipo. Dessa inversão humorística nascem dois efeitos: o primeiro é o do logro, do engano, do ludibrio (o Juízo final se municipaliza, Belém tomada como cidade exemplo da adaptação das

virtudes cristãs nos trópicos, o Tribunal divino instalado nos altos do edifício Manuel Pinto da Silva), o que permite classificar o texto que se vai ler como burlesco, misturando drama e narração: o segundo é o judicativo, de escarmento moral e de condenação pública, próprio da sátira menipéia, em seu alcance de crítica política, isto é, crítica da Polis, exercida pela Cidade e que toma a Cidade por objeto. O burlesco, que pede o clima de comédia, é sempre risonho; a sátira, que é um ato social, coletivo; nunca é respeitosa, tal como respeitosos não eram os desaforados testamentos lidos nas vindicativas malhações dos antigos judas de nossa infância.

Não obstante pertencer à geração mais velha, quem este livro apresenta subscreve as condenações e penalidades prescritas no testamento de Belém, pelo seu autor, um membro da geração mais nova, contra todos aqueles que, desde há muito tempo e de diferentes modos, têm contribuído para descentrar, devastar, enxovalhar e desurbanizar a Cidade, hoje uma suburbana concentração da pobreza amazônica.

O Armagedon na Cidade do Pará

e a polêmica

Ressurreição do Engolecobra

[EnC]



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N 265 a Nassar, Flávio Sidrim
 O Armagedon na Cidade do Pará e a polêmica Ressurreição do
 EngoleCobra [EnC] / Flávio Sidrim Nassar. – Belém: SECULT, 2001.

136 p. : il.

ISBN 85-7313-023-7

1. BELÉM – Arquitetura. 2. BELÉM – História. 3. BELÉM –
Urbanismo. 4. FICÇÃO PARAENSE – 5. LITERATURA PARAENSE.
I. Título.

CDU : 869.0(811.5) – 3

Índice para Catálogo Sistemático
FICÇÃO PARAENSE

FLÁVIO NASSAR

O Armagedon na Cidade do Pará

e a polêmica

Ressurreição do EngoleCobra

SECULT/PA

2 0 0 1



Governo do Estado do Pará

Almir Gabriel

Secretaria Especial de Estado de Promoção Social

Marco Ximenes Ponte

Secretaria Executiva de Cultura

Paulo Chaves Fernandes

Criação e produção

Secretaria Executiva de Cultura

Comissão Editorial

Benedito Nunes

Gilberto Chaves

Maria Regina Maneschy Faria Sampaio

Geraldo Mártires Coelho

Lorena Souza

Salomão Larêdo

Núcleo Editorial

Coordenação: *Lorena Souza*

Capa/projeto gráfico/editoração eletrônica: *Maria Alice Penna*

Composição das colagens eletrônicas: *Flávio Sidrim Nassar*

Tratamento de imagens: *Paulo Maurício*

Revisão: *Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha*

Ficha catalográfica: *Ana Lucidéa Rodrigues Leitão*

Fotolitos/impressão: *Cartopack Indústria Gráfica*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fig.1- Largo de Nazaré no dia do Juízo Final Capa
Colagem eletrônica feita sobre foto de George Hubner colorida digitalmente.
- Fig.2- O voo de Júlio César. Pág. 75
Colagem eletrônica feita sobre cartão-postal — Álbum Belém da Saudade, edição SECULT-PA
- Fig.3- Juízo Final em Belém Págs. 76 e 77
Colagem eletrônica feita sobre fotos de Alberto Bitar do frontão da Basílica de Nazaré.
Beijo: fotograma do filme *Um dia qualquer*, de Líbero Luxardo.
Nossa Senhora de Nazaré, índios, Francisco Caldeira, Plácido, cachorro, jesuíta, Silva Santos e Dionísio Bentes: frontão da Basílica de Nazaré, foto de Alberto Bitar
Magalhães Barata: do livro *Magalhães Barata, o homem, a lenda, o político*, de Carlos Roque, edição SECULT-PA.
Corda do Céu: foto de Octávio Cardoso.
Deposição de Lemos: do livro *Antonio Lemos e sua Época*, de Carlos Roque. Colorida digitalmente
Dom Antonio de Macedo Costa: foto do afresco de Domenico De Angelis na Catedral de Belém.
Mula e boi: brasão de armas de Belém.
Zepelin: do livro *Cidade transitiva*, de Armando Mendes.
Barca de Caronte: ilustração de Gustavo Doré para a *Divina Comédia*
Cristo: Juízo Final de Michelangelo, Capela Sistina.
- Fig.4- Vieira prega aos peixes Pág. 78
Colagem eletrônica feita sobre foto da marina *Belém antes da chuva*, de Riguini, Álbum: Belém do Pará, edição Alunorte.
- Fig.5- Brasão de Belém Pág. 92
Álbum de Belém, 1902.
- Fig.6-Teatro da Paz no dia do Juízo Final Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto do Teatro da Paz, sem identificação do autor, colorida digitalmente.
Papagaio: Álbum de Aves Amazônicas, Emilio Goeldi, 1900.
- Fig.7-Hospital dos alienados Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto de George Hubner colorida digitalmente.
- Fig.8-Desconstrução da Basílica de Nazaré Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto do Largo de Nazaré de autoria desconhecida.
Construção da Basílica, autoria desconhecida, pertence ao acervo da Basílica de Nazaré.
Frontão da Basílica, foto de Alberto Bitar.
- Fig.9-Rua com papagaio Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto da travessa da Vigia, Cidade Velha, Belém, Departamento de Turismo, Prefeitura Municipal de Belém
Papagaio: Álbum de Aves Amazônicas, Emilio Goeldi, 1900.
- Fig.10-Virgem do Taperebazeiro Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto de Octávio Cardoso.
- Fig.11-Chafariz no fim Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto de George Hubner.
- Fig.12-Beijo Postal
Colagem eletrônica feita sobre foto da Praça da República, Belém do Pará, autor não identificado.
Cristo: Juízo Final de Michelangelo, Capela Sistina.
Beijo: fotograma do filme *Um dia qualquer*, de Líbero Luxardo.

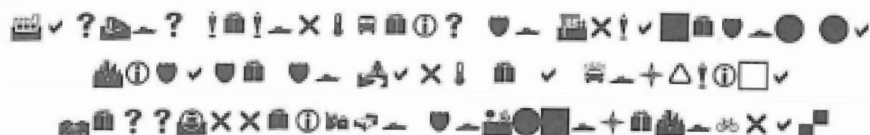
SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	p.5
NOTA PRÉVIA.....	p.9
A maior audiência do Planeta, o fim do espetáculo e o epílogo da globalização.....	p.15
O início do Juízo em Belém, as surpresas do desfile de abertura, a preliminar do Espírito Santo, o perigo que corremos, Jesus Cristo salva	p.17
Belém contra EnC, as mazelas do fundador; o protesto dos índios e como a retórica barata salvou a pele do prefeito	p.23
O ambiente do edifício, a curiosidade dos mortos, os atributos de Eva, o beijo que ninguém viu, o vôo das múmias, o maestro recordista e mais	p.31
PCB versus MDA, mulheres de calcinhas novas, o último carimbó em Belém, o julgamento de Landi e mais	p.35
O Espírito não achou a sua rua; sustos e condenações	p.41
A ressurreição de Barata e sua peregrinação	p.43
O remorso da fazendeira, o Cirio é Civil novamente um personagem de ficção aparece entre os vivos, um contra do vigário.....	p.45
A intervenção de Barata, o estrilo de Vieira, homem comendo homem.....	p.49
A condenação da Diretoria da Festa de Nazaré, Rui Barbosa dá samba, tem Japonês no Cirio: Seiri,Seiton	p.53
A Lista de Barata, o espanto de Plácido e o dormitório de Belém	p.57

O preço de 70.000 sementes; os ladrões moram ao lado; Judeca ou Antenora.....	p.61
A invasão do MST, a volta do Velho Pedro, o julgamento dos arquitetos e o pânico, pois o Espírito está de volta.....	p.63
O julgamento de Lemos, os relatos de Euclides da Cunha, Osório Duque Estrada, Afonso Pena. Magnífico, não achas?.....	p.67
A revelação de Lauro Sodré, se a minha aura falasse, os legistas não falham	p.71
Adieu charmant pays, os caminhos de Muçunã e o triste fim de Lauro Sodré.....	p.74
A premonição de Sumaumeira, o mato bate à porta e um apelo patético.....	p.83
A conclusão do professor Marujo, os apuizeiros em intranet	p.87
Os sinais dos tempos.....	p.89
Em que se decifra o arcaico emblema: o Brasão d'Armas de Belém, estava tudo ali	p.93
A Arca de Júlio César: do voo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea; a máquina de açaí no espaço sideral; Jesus Cristo dá uma colher de chá.	p.97
Os extraordinários fenômenos da realidade Cambiã.....	p.101
Polêmica no Bar do Parque e a tentação de Miguel dos Prazeres, quem é Lucivaldo Frado?	p.113
Quando tudo parecia perdido surgiu a última chance de Belém	p.123
O Juízo Final	p.127
REFERÊNCIAS.....	p.131

NOTA PRÉVIA

Meu computador vem apresentando comportamento estranho, de vez em quando pega um santo eletromagnético, e "recebe" e-mails de procedência desconhecida. Todas essas mensagens vêm encimadas pelo seguinte criptograma:



Depois de transcodificado, o hieróglifo digital pode ser lido como:

O Armagedon na Cidade do Pará e a polêmica Ressurreição do EngoleCobra [EnC]

No entanto, mesmo em Português, continua nebuloso.

Só uma coisa pareceu-me fora de questão (a leitura posterior das mensagens comprovará) que Cidade do Pará é mesmo Belém.

Daf em diante, só indagações:

Quem é o autor – ora testemunha onisciente da história, ora telespectador – narrando o que parece assistir pela televisão?

Em que dimensão do tempo os fatos narrados têm lugar: no passado, no presente, no futuro? Se já ocorreram, não encontramos seus sinais, suas evidências arqueológicas. Se estiverem ocorrendo agora, por qual motivo nem todos estamos percebendo-os?

No entanto, estou quase convencido de que o autor está me enviando tais e-mails do futuro. Fundamento-me dos estudos de Etimologia Prospectiva – uma especialização da Lingüística – cujo maior expoente é o doutor Asif Agha, Ph.D (<http://www.humnet.ucla.edu/humnet/al/phd.html>) da Universidade da Califórnia. Ele desenvolveu um "software" que, com índice de acerto de até 86%, é capaz de indicar a forma que tomarão no futuro as palavras e os falares. Ou, a partir de uma palavra, expressão ou texto captados do futuro, identificar sua etimologia.

Nas diversas simulações realizadas (cujos relatórios serão publicados em revistas especializadas) estamos próximos de concluir, o Dr. Agha e eu, que os e-mails por mim recebidos, estão sendo escritos em uma variante dialetal do Português que, possivelmente, se falará no mercado do Ver-o-Peso por volta de 2016.

Como já me referi antes, o autor permanece anônimo, em nenhum momento se revela, apenas, talvez um lapso, se identifica como um "atravessador de BacKu". Considerei que desvendar o sentido desse ato falho ajudaria a elucidar a origem do mistério.

Submetendo a expressão "atravessador de backu" ao LinMac (Linguistic Machine), o simulador lingüístico do Dr. Agha, obtivemos que o verbete "atravessador" manterá inalterados sua forma e significado: brasileirismo amazônico que designa *"aquele que compra mercadorias por preço baixo para revendê-las com grande lucro"*.(Dicionário Aurélio Eletrônico - V. 2.0)

Para o verbete BacKu ofereceu-nos duas hipóteses como as mais prováveis. A primeira considera que BacKu é a grafia futura de bacu, peixe teleósteo siluriforme comum nos rios amazônicos, cujo nome se origina da palavra tupi Ba'ku.

Inquietante é sua associação com atravessador. A frase *"a cidade está dominada pelos atravessadores de BacKu"* (que aparece em um texto ainda não totalmente decifrado) obrigou-nos a buscar referência em outras disciplinas. Aqui, foi útil o interesse diletante pela Paleontologia do Dr. Agha que o havia aproximado do Prof. Stephen Jay Gould, quando ambos aguardavam em uma fila no aeroporto de Antuérpia.

Eles, Agha e Jay, conjecturam que, para explicar tal associação, devemos trabalhar com a hipótese de uma catástrofe ambiental de origem cósmica, como a que exterminou os dinossauros, contaminar as águas amazônicas extinguindo quase todas as espécies aquáticas e outras formas de vida. Sobreviveria a essa hecatombe, além da triste humanidade, o resistente bacu, peixe conhecido pela avidez com que devora dejetos. Conseqüência dessa catástrofe, uma avassaladora fome se abateria sobre a cidade deixando a população à mercê dos atravessadores do único alimento disponível: o bacu.

A segunda alternativa fornecida pela "Linguistic Machine" é a procedência inglesa da palavra *BacKu*, que seria uma corruptela de *back up*. Falado no português da beira da praia de 2016, "*baKup*" foi perdendo progressivamente o "p" e ficou *baKu*. Os "*atravessadores de BacKus*" seriam então vendedores de arquivos de informática pirateados e comercializados no mercado negro. Como já profetizou Willian Gibson, na época em que presumivelmente esse texto está sendo escrito, os sentimentos de alegria, euforia, estados de introspecção, de meditação e outros, poderão ser alcançados utilizando-se arquivos eletrônicos que agirão como as atuais drogas.

Como se vê, as duas alternativas são razoáveis, porém, tanto uma como outra mais obscurecem do que auxiliam a entender a origem desses e-mails, de seu autor e quais os propósitos de sua escritura.

Mas não apenas as dúvidas quanto à origem e as dificuldades de verter texto escrito em língua ainda não falada, fazendo essa arqueologia inversa, no futuro, embaraçaram sua compreensão. Novas mensagens continuam chegando, algumas em flagrante contradição com as anteriores. Daí a dúvida: o atravessador de *BacKu* é um dos quatro evangelistas, tentando transmitir *o último capítulo ainda não escrito do Apocalipse* ou trata-se de uma simulação: apocrifia de um hacker.

Por mais de um ano dediquei-me a transcodificar, traduzir para o português hodierno e depois ordenar essas misteriosas mensagens de modo que tivesse um encadeamento 'lógico' a polêmica Ressurreição do EngoleCobra.

Flávio Sidrim Nassar

A maior audiência do Planeta, o fim do espetáculo e o epílogo da globalização

No princípio do fim – finnicius¹ – o arcanjo soou a trombeta do Apocalipse e anunciou:

*O tempo está maduro!
É já o fim do futuro!*²

Uma rede mundial de televisão começou a transmitir ao 'ainda' vivo, a grande decisão. Todos os homens, desde o primeiro, começaram a ressuscitar por ordem de nascimento e formou-se uma imensa fila indiana que se dirigia para o vale de Josafá, próximo de Jerusalém, sede do Juízo Universal.

Quando se reuniram para formar a grande rede mundial que iria transmitir o mais radical acontecimento da globalização, as emissoras de televisão imaginaram o maior espetáculo da Terra: as diversas civilizações, exibindo suas conquistas em alas organizadas, como em um desfile de escola de samba. Ocorreu que, em comparação aos desfiles carnavalescos, às aberturas de olimpíadas, aos efeitos especiais de Hollywood, o desfile de abertura do Juízo Final pareceu modesto, rude e determinou uma grande queda de audiência. Os patrocinadores globais desinteressaram-se de continuar a transmissão para todo o Planeta. O show terminou, a solução foi fazer o Juízo local. A municipalização do Juízo Final se tornou possível graças à onipresença, atributo que possibilita a Deus estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

O início do Juízo em Belém, as surpresas do desfile de abertura, a preliminar do Espírito Santo, o perigo que corremos, Jesus Cristo salva

Fracassada a tentativa de fazer o Juízo Universal, algumas cidades foram selecionadas para sediar experiências-piloto do Juízo final, dentre elas, Belém. Não foram reveladas as razões dessa escolha. Especulou-se que a cúpula celeste estava interessada em ter uma noção da maneira como em uma cidade equatorial haviam florescido as virtudes cristãs.

Outra surpresa, quando começou o desfile de abertura do Juízo, quem carregou a placa com o nome de Belém e a data de sua fundação:

BELÉM-PARÁ

1616

não foi Francisco Caldeira, o fundador. Nem Landi, que ergueu altares e palácios. Ou Plácido, também ele fundador da Belém mítica, virtual. Nem mesmo Lemos, o modernizador. Foi o EngoleCobra **[EnC]**, um *flâneur* que vagueava pela cidade.

A escolha foi considerada uma afronta pelos que esperavam um pró-homem, um pai da pátria, um herói unânime. Outros acharam-na demagógica e repetitiva. Indignados, diziam:

- Escolher ociosos, loucos, vagabundos para surpreenderem como perso-

nagem importante já é lugar comum na literatura e nas novelas de televisão. Basta de *reencarnações de cândidos heróis João-ninguém*³. E exigiam uma explicação (pelo menos) razoável.

Também não foi aceito facilmente o local indicado para o supremo Juízo: os altos do Edifício Manoel Pinto da Silva. Houve quem sugerisse o Forte do Castelo, onde foi fundada Belém, para que princípio e fim no mesmo local, pudessem *atar as duas pontas da vida*⁴, encerrar em um círculo perfeito a trajetória da cidade.

A escolha da cobertura do Manoel Pinto da Silva foi justificada por ser o ponto mais alto da cidade, estar próximo do Cemitério da Soledade e de um antigo cemitério que existiu na praça da República, o que facilitaria o trajeto dos ressuscitados. Além disso, em seu redor, ainda vagavam as almas dos suicidas que de lá se haviam precipitado.

Sem perda de tempo, um grupo de decoradores da 'terrinha', começou a ornamentar o ambiente. Como não havia na cidade um trono para o Eterno, recorreram a uma cadeira de braço pintada de dourado, usada por um destaque em um desfile de Carnaval. Por trás, um painel com uma reprodução do Juízo Final de Michelângelo. De cada um dos lados do 'trono', as imagens de Nossa Senhora de Nazaré: a achada e a do Círio. Por falta de um dossel que cobrisse a área, estendeu-se uma lona preta para proteger da chuva, o que revoltou o representante da Cooperativa dos Fazendeiros:

- Isto aqui está parecendo um acampamento de sem-terra. Queremos ser

julgados em campo neutro!

Ainda foram colocados no alto do edifício, o relógio de ferro da praça do Relógio (para lembrar a precariedade do tempo) e a primitiva balança que deu nome ao Ver-o-Peso (para pesar os pecados e as virtudes de cada um).

Logo na abertura dos trabalhos, o Espírito falou:

– Proponho que este Tribunal, *in limine*, considere condenados todos aqueles que não tenham sido vegetarianos!

Instalou-se um grande debate. A favor, os ecologistas. Contra, os vendedores de churrasco de gato.

Para auxiliar na decisão foi convocado, por sua cultura teológica, Frei Caetano Brandão. Ele preferiu comparecer na forma de sua estátua do Largo da Sé, pois era mais baixo, mais barrigudo, mais feio do que o bronze que o imortalizara. Foram necessários dez estivadores do porto para conduzi-lo pelos vinte e cinco lances de escada. Frei Caetano veio acolitado pelo seu cabido que lhe portava as dignidades eclesiais: "Dom Frei Caetano Brandão, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo do Pará, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas".

Foi breve, em seu parecer. Logo a voz do bronze tiniu em todos os tímpanos:

– O doutor Angélico, São Tomás de Aquino, com seus mais de 100 quilos, seria condenado. Amava a boa mesa, apreciador que era dos assados de javali!

Monsenhor Faustoso aparteceu, lembrando os santos gordos e o Papa João XXIII.

Tentando apaziguar os ânimos, Dom Voando Penas, interessado nas iluminações do Espírito, buscou uma proposta intermediária: condenar apenas os comedores de aves. Ao que, visivelmente irritado, retrucou o grande Chefe de Cozinha:

- Só um forasteiro, que não aprecia um bom pato no tucupi, pode fazer uma proposta dessas! Como ficaremos nós, devotos da ave? Vai ser uma condenação geral. Dom Alberto não faria uma patacoada dessas!

O Filho (percebendo que seria condenado se prevalecesse a tese de seu companheiro de Trindade, visto que havia comido carne em sua passagem terrestre) apelou ao Eterno para desconsiderar a preliminar do Espírito e manter a Trindade em sua composição ímpar, o que evitaria empate nas decisões. A premissa do Espírito não foi acatada.

Como o construtor e proprietário do edifício já se encontrava no ambiente acompanhando sua arrumação, foi logo inquirido:

- Não havia um outro local mais adequado para a construção deste prédio que não obrigasse a demolir a casa Outeiro, com sua cúpula tão singular na paisagem de Belém?

- Eu a demoli para construir aqui um dos mais altos edifícios do Brasil à época. Era o maior do Norte e Nordeste, o terceiro do Brasil e o 15º do mundo⁵. Aparecia até na agenda dos brindes Pombo, no rol dos prédios mais altos. A notícia de sua construção foi a última menção positiva da imprensa nacional sobre

Belém. Depois, fora o Círio, só assassinatos, assaltos, chacinas, invasões, julgamentos. Mesmo tendo destruído a cúpula mourisca, meu edifício contribuiu para dar a Belém um ar de modernidade, de progresso, de novos tempos. Além do mais, naquela época não se falava em preservação. Patrimônio artístico eram as igrejas, os palácios. Uma simples mercearia, que, por capricho de seu dono, tinha uma cúpula em estilo árabe, não era considerada patrimônio cultural. Naquele tempo valorizava-se mais o modernismo, a renovação. Acho que fiz minha parte por Belém, se os outros não fizeram a sua, a culpa não é minha.

O Tribunal se propôs a analisar os argumentos.

A passeata prosseguiu, foi recebida pelos AL's (Assessores Locais do Juízo) que, por sua conta, resolveram não levar o caso à cúpula celeste e trataram o assunto com evasivas. No final da audiência, disseram:

- Se não estão satisfeitos, vão reclamar ao bispo.



O princípio geral que se estabeleceu, quando da municipalização do Juízo, foi de que cada um seria julgado na cidade de seu nascimento. Exceções foram feitas para os fundadores (que poderiam ser julgados nas cidades que criaram) e para os que se imortalizaram em terra alheia.

Francisco Roso Caldeira, o fundador, natural de Castelo Branco, Portugal, foi convocado para ser julgado em Belém.

Irado, o Capitão do começo, chegou atribuindo-se prerrogativas. Antes mesmo de começar a ser inquirido, falou de seus atos de bravura na luta contra os franceses. Francisco Caldeira foi interrompido pela vaia dos admiradores das cidades litorâneas, que pediam sua condenação, por considerarem de um tremendo mau gosto a escolha do sítio onde fundou a cidade. A acusação o interpelou:

- Por que fundou Belém longe do oceano? Isso a humilha frente às capitais nordestinas!

- Eu não tinha intenção de fundar uma cidade, apenas um forte para garantir os domínios d'El-Rey.

- E Fortaleza do Ceará? Seu próprio nome deriva de uma construção militar!
- Mas aqui há praias de água doce. Únicas!

Os AL's, Assessores Locais, solicitaram reunião reservada do Tribunal para apreciar o caso. Argumentaram sobre a necessidade de manter a governabilidade nos dias que ainda viriam:

- Possivelmente teremos de fazer algumas concessões, aliviar o tratamento a alguém que seja do nosso interesse, o que pode ocasionar revoltas ou suspeitas de falta de lisura. O fundador não tem aqui nenhum prestígio, as novas gerações o denominam erradamente e os seus contemporâneos sabem que saiu daqui preso por tentar deixar impune o crime de um sobrinho. Sua maior obra não foi a cidade que fundou, mas a semeadura das plantas do nepotismo e da impunidade, que aqui encontraram solo fértil. Sugeriram:

- Sigamos o exemplo de Pilatos, vamos dar ao povo a decisão. A condenação do fundador será uma mostra de nossa imparcialidade e espírito democrático. Vamos ouvir a voz rouca das ruas.

No interior da Trindade, a proposta venceu por 2x1, a referência a Pilatos fez com que o Filho votasse contra. Na consulta popular foi estabelecida uma aliança entre os moradores das baixadas, os adeptos da litorânea Salinas e a turma do voto útil: o fundador foi condenado por amplíssima maioria. Só votaram a seu favor os donos de piçarreira e os vendedores de aterro.

Caldeira apelou apresentando em sua defesa versos de uma *epopéia nacional brasileira*:

– De todo modo cantou-me o poeta:

.....

o intrépido Caldeira,

.....

‘Perfeito portuguez, na paz, na guerra,

.....

Não há perícia que lhe seja ignota,

.....

Nem no arrojo, qualquer o venceria,

....

novo argonauta

....

E ficou-se a scismar, lendo e relendo

Os augúrios eternos e o thesouro,

Que o destino lhe abria, distendendo,

Tão alto, a Pátria, como um sonho de ouro,

Via seu nome os séculos enchendo,

De glórias num clarão immorredouro,

Tanto, naquele sempiterno dia,

Mais o ‘Brasil se alarga que estendia...’⁷

Enquanto declamava, alguns dos presentes saltaram pelas janelas.
Os AL's sentenciaram:

- Isso é fantasia, ficção, pobre poesia...

Caldeira lamentou:

- Então, é a poesia incapaz de mudar de um homem a sina. Eu, inútil herói na rima.



Os índios Tupinambás, que habitavam a região de Belém quando de sua fundação, pediram audiência ao Tribunal. Estavam acompanhados, mesmo a contragosto, por todos os seus descendentes – *os que tinham a mão no arco*³. São centenas de milhares. Mesmo gente que se gabava de pura ascendência européia, sem mistura de sangue nativo, foi arrastada por uma cadeia de DNA. O cacique, porta-voz do grupo, pediu a condenação do ex-prefeito padre Leandro Pinheiro por ter construído o monumento ao índio na praça Brasil, folclorizando os primitivos donos da terra e sem qualquer referência ao genocídio a que foram submetidos. O chefe indígena leu um manifesto:

- De nossos avós restou-nos a toponímia: Guajará, Guamá, Icoaraci, Paracuri, Ariri, Curuçambá, Maguari, Tapanã, Tenoné; a comida típica; os cabelos lisos, a cor da pele. Para onde fugiram nossos sonhos?....

Estavam divididos em diversas facções: uns, radicais, que não queriam o apoio de Paulinho Paiaçã; outros, bem humorados, carregavam uma faixa com os seguintes versos:

*Foi esse tal de Leandro
quem me deixou aqui, nu.
Ah, se eu pego esse malandro!
Taco-lhe a flecha...?*

As crianças da tribo – que brincavam no gramado da praça – descobriram o Espírito assistindo à manifestação do alto de uma mangueira e logo prepararam uma arapuca para tentar pegá-lo. Quase conseguiram, não tivesse, o Divino, sido avisado por um integrante da sociedade protetora dos animais.

Convocado, Leandro Pinheiro, argumentou:

– Se tivéssemos que fazer monumento ao genocídio indígena, aos padecimentos dos negros na escravidão, aos mortos do brigue Palhaço, aos que morrem aguardando atendimento médico nos hospitais, às mulheres que apanham do marido, às vítimas do trânsito.... nossas praças seriam muito tristes. Eu estava querendo exaltar a beleza física dos indígenas, sua arte plumária e sua valentia, como hoje fazem as escolas de samba.

Além do mais, porque só eu? Protesto contra a discriminação odiosa à minha pessoa. Ninguém pede a condenação do Oscar Niemeyer pelo monumento à Cabanagem. Nele, não há referência aos 30.000 mortos na repressão ao

Movimento, um quarto da população do Grão-Pará na época. E... por último, aquele monumento é "horroroso", e confunde Cabanagem com sacanagem.

Foi como tocar fogo em palha seca. Logo vários oradores se inscreveram para criticar o monumento e outros para pedir que o padre retirasse a expressão "horroroso".

Na confusão, Leandro escapou na picafe de Paiaçã.

**O ambiente do edifício, a curiosidade dos mortos,
os atributos de Eva, o beijo que ninguém viu,
o vôo das múmias, o maestro recordista e mais....**

Dentro do edifício era grande o empurra-empurra. A maioria dos que moraram antes da construção dos primeiros edifícios em Belém queriam aproveitar a oportunidade para visitar um. Subiam e, das sacadas, tentavam identificar onde moraram. Alguns traziam antigas fotos da cidade para comparar. Esses curiosos e os convocados para julgamento tinham que subir as escadarias do prédio, pois os elevadores estavam reservados, pelos AL's, para serem usados pelo Eterno e convidados especiais.

Nas escadarias, sujeira de todo tipo: latinhas de cerveja, cascas de coco misturadas com areia e com algodões sujos de sangue caídos dos narizes dos ressuscitados. Havia ainda muitas daquelas ataduras usadas para que o morto não abra a boca e restos de tábuas do fundo do caixão que geralmente vinham pregadas às costas dos mais afoitos. Não havia banheiros suficientes e os que tinham necessidade usavam os saquinhos plásticos de embalar unhas de caranguejo, vendidas nos corredores. Outros faziam nas próprias escadarias. O cheiro de urina era fortíssimo; o calor, infernal; um vozerio reunia vários sotaques. Muitos falavam a língua geral.

Nos altos do edifício os julgamentos continuavam. Era lido o livro onde estavam anotados todos os atos praticados em vida pela pessoa. Para os nascidos após o advento do videoteipe, substituía a leitura, uma fita editada com os me-

lhores e piores momentos da existência. Após a leitura ou a exibição do teipe, um serafim imprimia na testa do julgado um código de barras que resumia sua existência. Nada ficava encoberto, acabava-se a individualidade, a intimidade, os desejos eram expostos, as fantasias reveladas, os leitos devassados, todos os lençóis revolvidos. Essa autópsia moral era pior que a condenação, tanto que muitos já iam pedindo:

- Eu não quero ser julgado, me mandem logo para o inferno!

Os AL's, que comandavam a lista de chamada, conseguiram manipulá-la, colocando-se em último lugar para não terem suas mazelas conhecidas.



Ao poeta piaparaense Mário Virgino foi permitido subir ao palco dos julgamentos no último andar do Manuel Pinto da Silva. Retornou estarrecido:

*Lá onde um velho corpo desfraldava
As trêmulas imagens de seus anos;
Onde imaturo corpo condenava
Ao canibal solar seus tenros anos;
Lá onde em cada corpo vi gravadas
Lápides eloqüentes de um passado
Ou de um futuro argüido pelos anos;
Lá cândidos leões alvijubados*

*Às brisas temporais se espedaçavam
Contra as salsas areias sibilantes;
Lá vi o pó do espaço me enrolando
Em turbilhões de peixes e presságios -
Pois na orla do mundo as delatantes
Sombras marinhas, vagas, me apontavam.¹⁰*



Um telão, instalado no estacionamento do I.E.P, transmitia aos que estavam na praça da República as informações das primeiras decisões dos tribunais de outros lugares. Da África, as primeiras imagens de Adão e Eva. Pouco diferem dos chimpanzés e dos gorilas. Pintores aparecem desapontados, quase sempre haviam pintado Adão e Eva brancos, altos e louros. Um comentário foi unânime: Eva não justificou o pecado.

De Alcobaça – lamentou o repórter – ninguém viu a ressurreição de Inês de Castro e Dom Pedro, tão antecipadamente preparada; o zelador do mosteiro contou que ouviu um grande estrondo, possivelmente quando as tampas dos túmulos colocados frente a frente caíram. Correu para a igreja mas só viu os dois amantes abraçados saindo pela porta principal. O beijo mais aguardado da História ficou sem testemunhas.

Nos museus e universidades do mundo todo, as múmias dos faraós e dignitários do antigo Egito ressuscitados tentavam voltar para o Egito, os vôos estão lotados. Era grande a confusão nos aeroportos.



O Juízo começou a ficar monótono. Preocupados, os AL's convidaram os artistas da terra para animar o povo. O primeiro a se apresentar foi o maestro Waldemar Henrique. Da sacada do apartamento do terceiro andar do Manoel Pinto, Waldemar ensinou cantigas à multidão:

Bumba meu pai do campo ô, ô, ô...

Bumba meu boi bumbá.

Ele não sabe que seu dia é hoje.

Ele não sabe que seu dia é hoje.

São mais de 800.000 vozes. O Maestro regeu emocionado por horas aquele imenso coral. Os jornalistas que cobriam o Círio, com seus números fantásticos, vão logo anunciando: mais de um milhão de vozes! É um recorde!

O Estatístico, proprietário do apartamento de onde o Maestro regia o coro, contestou:

– Vocês não perdem essa mania, tudo para vocês é um milhão. Vocês não imaginam o que seja um milhão.

De qualquer forma, o coro regido por Waldemar era extraordinário, teria colocado Belém no "Livro dos Recordes", se não tivesse acontecido quando tudo já tinha perdido sentido.

PCB versus MDA, mulheres de calcinhas novas, o último carimbó em Belém, o julgamento de Landi e mais

Seguindo o conselho dos AL's, a passeata dos inconformados com a escolha do EngoleCobra **[EnC]**, seguiu para o Paço arquiiepiscopal. Lá chegando, não encontram um, mas todos os bispos do Pará: de Frei Bartolomeu do Pilar – o primeiro – até Dom Dico que tentava alojar a todos, improvisando acomodações entre os santos do Museu de Arte Sacra.

Os organizadores do protesto não sabiam a quem se dirigir. Previamente avisados pelos AL's, os bispos disseram à comissão que havia um problema não previsto no Direito Canônico e eles não sabiam qual deles poderia receber a reclamação. Prometeram uma breve solução.

Contribuindo ainda mais para incendiar as paixões, os jornais publicavam editoriais inflamados. A Folha do Norte publicou o mais panfletário: "Da campa elevou-se um verme".

A indefinição precipitou acontecimentos e muitos passaram a pleitear o posto de herói de Belém. Surgem candidatos para todos os gostos, que usavam o horário eleitoral para se auto-elogiarem e comprovarem suas virtudes cívicas e morais.

Vendo as dificuldades para destituir o **EnC**, um grupo de adesistas fundou o PCB (Partido Cobrista de Belém) para apoiá-lo. Filiam-se a ele intelectuais progressistas, comunistas, socialistas, padres, intelectuais conservadores, assessores,

jornalistas, pastores, sindicalistas, artistas, políticos das mais variadas origens, pecuaristas, empresários, ruralistas, "drag queens", estudantes, remistas e torcedores do Paysandu. O movimento lançou um slogan: "Seja Cobra e quebre o pau".

Em oposição a eles surgiu o MDA, (Movimento Deontológico Anti-Engole). Filiam-se a ele intelectuais progressistas, comunistas, socialistas, padres, intelectuais conservadores, assessores, jornalistas, pastores, sindicalistas, artistas, políticos das mais variadas origens, pecuaristas, empresários, ruralistas, estudantes, remistas e torcedores do Paysandu. O movimento lançou um slogan: "Não engulo essa".



Nas *Ecercanias*¹¹ do edifício, camelôs que vendiam roupa tentavam organizar filas para atender a grande procura. É que os AL's obrigaram os que morreram nus e ressuscitaram como saíram do mundo, a se vestirem. Até os índios pintados por Theodoro Braga no quadro "A Fundação de Belém", só foram admitidos quando botaram vestimenta cristã.

Os que foram enterrados de mortalha queriam, depois de ressuscitados, uma roupa melhor. As barracas que vendiam calcinhas e sutiãs de lycra são as mais movimentadas. As mulheres mortas antes do invento, não resistiram: quiseram experimentar.



O Finnis-Terra Tupinambá foi instalado na esquina da avenida Nazaré com a Serzedelo Corrêa. Para criar um clima de últimos dias, o Cônego Bons Ares tocou

no órgão da Sé (que estava instalado atrás do trio elétrico), o *Dies Irae* da Missa de Réquiem de Mozart. O ritmo não seduziu aos presentes que também, por não saberem Latim, nem se apercebiam das terríveis revelações ali contidas. Piedoso da Campina traduziu para o português. Foi feito um arranjo para carimbó e então, muitos cantaram:

*Dia da ira, quem fugirá?
Cinza a terra cobrirá
Como Davi disse, será.*

*O tempo está maduro.
É já o fim do futuro.
O Juízo será duro.*

*A trombeta com amargura
Abre toda sepultura.
Bom, não teme a desventura.*

*No Livro tudo escrito,
O juiz verá o dito
E dirá o veredicto.*

*Rei, tremenda majestade,
Mar de toda caridade
Salve-me por piedade.*

*Se não vivi dignamente,
Sede pois bom e clemente
Não quero arder eternamente.¹²*

Um grande número de vendedores de água de coco se acomodou embaixo das mangueiras da praça da República e da avenida Nazaré. Camelôs vendiam produtos do Paraguai. Os radinhos de pilha voltaram a ser muito requisitados. Todos queriam ouvir mais rápido as notícias. Carrinhos de vender cachorro-quente instalaram aparelhos de tevê e aumentaram o número de cadeiras em volta. As ruas e a praça ficaram sujas como após a passagem do Círio.

Na cidade aprofundou-se o caos. As casas superlotadas tinham que acomodar além dos moradores vivos os ancestrais ressuscitados. Muitos que morreram em casas que depois foram vendidas ou demolidas não encontraram seus parentes e se alojavam em seus antigos endereços. A convivência, que já não era pacífica entre os membros da mesma família, ficava mais tensa com a chegada desses agregados.

As construções que foram demolidas para dar lugar a novas ficam como almas penadas. Flutuam no ar. Ouve-se falas, risos, lamentos, soluços, gemidos, gargalhadas, gritos e sussurros dos seus antigos moradores.



As rádios começaram a noticiar coisas estranhas que estavam acontecendo em Mosqueiro. Dois rapazes, usando uma estação pirata de tevê, interferiram na transmissão oficial e veicularam montagem misturando imagens do Manoel Pinto com as da queda do edifício Raimundo Farias. Os que assistiram a transmissão entraram em pânico. Acreditavam que, ao terem visto o local do Juízo desmoronando, não seriam julgados ficando suas almas vagando no éter. Nem mortos nem

vivos, nem salvos nem condenados. No Hotel do Russo, os Faraozinhos foram entrevistados e confessaram que foi um truque.



O Juízo já era uma rotina. Quase ninguém percebeu o julgamento de Landi. A promotoria perguntou-lhe por que não foi construído, em frente ao palácio dos governadores, o arco triunfal em homenagem a Dom José I, que havia projetado?

Landi, estupefato, perguntou em qual dos pecados mortais se incluía sua culpa. Não lhe deram atenção. Ainda atônito, balbuciou:

- Mas fiz tantas chiesi, palazzi...

- Igrejas e palácios mais ou menos bonitos existem em todas as cidades do Brasil.

- Para construir a Igreja de Santana, que projetaste para servir-te de mau-solêu, não poupaste esforços, aplicando teus próprios recursos além de motivar campanhas financeiras. Obravas em interesse próprio. O mesmo esforço não empreendeste quanto ao arco. Belém teria o único arco triunfal do Brasil, seria o cartão postal da cidade, em vez daquele imundo mercado de peixe.

O Espírito não achou a sua rua; sustos e condenações

Ao Espírito coube fazer vôos de reconhecimento pela cidade. Planejou começar a inspeção pela rua do Espírito Santo, pois o homenageava. Partiu em direção à Cidade Velha onde, segundo informações, ficava a tal rua. Executou sobrevôos em diversas direções, não a encontrou. Depois resolveu voar mais baixo, pousando em cada esquina, procurando a placa de identificação da rua com o seu nome. Nada. Procurou no catálogo telefônico. Achou uma passagem Espírito Santo no bairro do Telégrafo. Ficou revoltado ao constatar que não se registrava para tal passagem, como é feito para as demais ruas ou mesmo passagens mais importantes, a indicação de seu início e fim; apenas uma referência de que, para chegar lá, devia-se alcançar a passagem Boca do Acre, através da avenida Pedro Álvares Cabral. Não se conformou. Não era essa a informação que tinha. Sabia que era uma rua importante da Cidade Velha. Voltou para lá e retomou suas buscas. Inquiriu as pessoas na rua: ninguém sabia. Perguntou a um carteiro. Também não. Finalmente, o decifrador das ruas de Belém, Cruzmendador da Ordem do Infante lhe informou que a outrora denominada rua do Espírito Santo era, a rua Dr. Assis. Revoltado, o Espírito perguntou:

- Quem foi esse cara, o que foi que ele fez?

Não ouviu nem a resposta e já levantou vôo. Pousou no alto da torre da Sé e ficou observando a rua que um dia o homenageou. Achou-a feia e descaracteri-

zada, cheia de marquises e construções de mau gosto. Depois passou a inspecionar as demais ruas do bairro, igualmente mal tratadas e desfiguradas. Não conteve sua fúria santa, voltou para o palco dos julgamentos, pousou no ombro do Eterno e segredou-lhe demoradamente ao ouvido.

O Eterno, enfurecido, bateu no braço do trono improvisado e bradou:

- Quem mandou asfaltar a Cidade Velha?

A surpresa foi geral, ninguém imaginava que aquilo seria motivo de condenação.

A multidão, à moda das galeras, cantava para os culpados que, obedecendo à convocação subiam para serem julgados:

Ele não sabe que seu dia é hoje

Ele não sabe que seu dia é hoje

Aumentava o pânico toda vez que o Espírito voltava de seus vôos de reconhecimento:

- Quem destruiu o Pavilhão de Vesta do Largo de Nazaré?
- O que fizeram com a estação de trens de São Brás?
- Quem fraturou o espaço da cidade?
- Quem fragmentou suas estruturas?
- Cadê a casa onde morreu Carlos Gomes?
- Quem demoliu o Grande Hotel?

Os responsáveis tiveram condenação sumária.

A ressurreição de Barata e sua peregrinação

O governador Magalhães Barata, sepultado na cripta do monumento feito em sua homenagem, não escutou o soar da trombeta. Só depois de algum tempo ressuscitou.

A ressurreição nos cemitérios era mais tranqüila. Além de existirem anjos orientando, os próprios ressuscitados ajudavam-se uns aos outros, removendo as lápides para facilitar a saída, abrindo os caixões e, sobretudo, explicando uns aos outros o que estava acontecendo. O clima era de solidariedade e confraternização.

Como Barata ressuscitou sozinho, não entendeu o que se passava. Primeiro porque não conhecia o lugar onde estava. Para sair teve que quebrar uma porta de vidro e subir por uma rampa entre mendigos que ainda dormiam. Finalmente foi reconhecido por um afilhado, que lhe explicou o que estava acontecendo.

A notícia de sua ressurreição se espalhou rapidamente. Logo foi procurado pelas lideranças do MDA (Movimento Deontológico Anti-Engole) que pediram sua intervenção. Imediatamente convocou uma reunião para tratar do caso.

Partiu de São Brás, dirigiu-se para o palacete governamental, onde tencionava reunir-se com os próceres do Movimento. Foi informado que ali não era mais a residência governamental e sim uma repartição pública. Rapidamente dirigiu-se para sua casa particular na Dr. Moraes, onde havia passado suas *últimas 72 horas*¹³ de vida terrestre. Também lá não pôde ficar, era a casa do arcebispo de Belém e abrigava os ex-bispos do Pará que não encontraram lugar no antigo paço arquiiepiscopal.

Continuou a caminhada em direção ao palácio Lauro Sodré. O porteiro lhe informou que a sede do governo não era mais lá e que o prédio agora abrigava um museu.

Cansado de andar feito barata tonta, convocou os auxiliares e reuniu lá mesmo.

**O remorso da fazendeira, o Círio é Civil novamente
um personagem de ficção aparece entre os vivos,
um contra do vigário**

Amanhecia quando na escadinha do Cais do Porto uma grande confusão começou a se formar. Uma fazendeira do Marajó, que havia enganado Nossa Senhora de Nazaré, com o início do Juízo Final se arrependeu e tentava se reconciliar com a Padroeira. Às pessoas que a aguardam explicou:

– Ia eu de Belém para o Marajó, quando uma terrível tempestade se abateu sobre o meu barco no meio da baía *e a onda encobria, massa escura de água imensa*¹⁴ *nossos corpos também no pranto aflitos*¹⁵ Prometi então à Virgem que lhe daria aquele barco, o melhor que tinha, se chegasse com vida ao outro lado. Pouco depois o vento levou a tempestade, o céu ficou limpo e a estrela de Belém guiou o barco até o porto. No ano seguinte, nas vésperas do Círio, os meus empregados começaram a enfeitar o barco com aquelas bandeirinhas para que fosse entregue à Santa. Foi quando eu lhes disse que não seria preciso entregar o barco para a Santa do Círio, já que havia feito a promessa para a Nossa Senhora de Nazaré que tenho na capelinha da fazenda e para quem fui logo entregando o barco assim que cheguei sã e salva na casa-grande. Agora, com medo de ser condenada, quero entregar o barco para a Nossa Senhora de Nazaré do Círio, a quem

de fato fiz a promessa.

O barco foi tirado para fora d'água, e a fazendeira com os seus vaqueiros tentaram arrastá-lo até o Manoel Pinto, onde Nossa Senhora estava assistindo ao Juízo. Muitos vieram ajudar e o barco foi subindo lentamente a Presidente Vargas. Em frente à "Port of", onde a avenida é mais íngreme, uma corda, como a do Círio, ajudou a puxá-lo e assim foi subindo o barco-motor.

Na praça da República *já era outubro. No meio daqueles anjos*¹⁶, a velha fazendeira, com um apito, comandava o avançar e o parar da corda. Um ex-diretor da festa tentou organizar:

- Homens de um lado, mulheres de outro!

Miguel dos Santos Prazeres, ou seu irmão - que no conto "O Carro dos Milagres" não conseguiu pagar sua promessa derrubado que fora pela cachaça - estava no meio da multidão tal como gente mesmo. Benedicto Monteiro, autor da história, veio conhecer sua criatura e ficou por perto, observando-o com espanto.

A duras penas, Miguel pode, finalmente, pagar sua promessa. Depositou no carro dos milagres o seu *barquinho talhado em tala de miriti e vela de pano de rede*¹⁷. Mais tarde, quando já perdera o encabulamento, se dirigiu para o seu autor e reclamou:

- Dr. Bené, o senhor me aprontou cada uma!

Todos os que não haviam cumprido suas promessas, por esquecimento, por falta de dinheiro, ou por terem desprezado a ajuda da Santa depois que se pegaram

servidos, tiveram ocasião de fazê-lo.

Em frente ao Grande Hotel, Mara, Fafá e Leila cantavam os esplendores do Hino de Nazaré. No entanto, apenas estas palavras eram percebidas:

**Olhos divinos,
Lábios de encanto,
Um riso desponta.
Suavíssima essência
A flor pendente levanta.
Amorosa embalsama:
Derrama esplendores.**

O barco-motor-berlinda-andor chegou às portas do edifício. Os romeiros queriam subir com ele para deixá-lo aos pés da Virgem. O vigário de Nazaré desceu, disse que era contra a subida, fechou a porta e não deu entrevistas. Antônio Seria Preá, um velho senhor que tentava argumentar, foi afastado pela segurança do Vigário.

As imagens das tevês que transmitiam o Juízo de Belém embaralham-se com as imagens do julgamento de Salvador, onde o Pagador de Promessas tentava novamente entrar na igreja com sua cruz.

Paraenses e baianos gritavam ao mesmo tempo:

- Entra, entra, entra!!! A polícia tentou impedir, mas a multidão rompeu a barreira e bateu com a proa do barco bem na placa com o nome do edifício, que

se espatifou em mil pedaços.

Devido à confusão, São Pedro foi chamado para tomar conta da porta. Ele tentou mostrar que o barco não podia passar pela escada e propôs desmontá-lo, subi-lo aos pedaços, para depois montá-lo novamente. A fazendeira não concordou. Não seria o mesmo barco. Desmontado, perderia o calafeto e a promessa era dar para a Santa o barco milagrado inteirinho, tal e qual ela o havia salvado.

O filósofo Ímpar exclamou:

- Παντα περ !¹⁸ E tentou argumentar, lembrando Heráclito, que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio... Ela não o deixou concluir:

- Foi promessa feita em *circunstâncias eternas, do fundo de um naufrágio*.¹⁹

A multidão grita:

- Entra, entra, entra!!!

Não houve acordo. Mesmo sem autorização, o barco começou a ser içado pelo lado de fora do edifício. Aproveitando a situação, os sobreviventes do naufrágio do brigue São João Batista fizeram subir o escaler, no qual também foram salvos, por interferência da Virgem.

Os dois barcos navegaram nas ondas formadas pelas curvas da fachada do edifício.

A intervenção de Barata, o estrilo de Vieira, homem comendo homem

Barata foi informado da insatisfação com a escolha do **EnC** como herói de Belém, e do que foi feito para tentar mudar o quadro. Envia um emissário para solicitar audiência ao Tribunal. Os AL's não dão encaminhamento ao pedido e, por várias vezes, adiam a resposta.

Percebendo que também ele estava sendo embromado, resolveu tomar atitude semelhante à que tomara quando o arcebispo de Belém resolveu acabar com a corda do Círio, apelou à Nunciatura Apostólica e ao Ministério das Relações Exteriores para que dessem ao Papa conhecimento dos fatos. Informou-lhe o Núncio que, dessa vez, o Papa não poderia interferir, porque vigário de Cristo na Terra só agia na ausência do titular. Como o Salvador em pessoa se encontrava em Belém, ele diretamente é que deveria tratar do assunto.

Barata, mais uma vez, insistiu para ter uma audiência com o Tribunal. Finalmente, aproveitando um vacilo dos AL's, conseguiu falar com Nossa Senhora de Nazaré. Recordou-lhe que, graças a sua intervenção, havia obtido, com aprovação de Roma, licença para a volta da corda do Círio. Nossa Senhora de Nazaré agradeceu, mas disse que pouco poderia fazer pelo caso, porém se comprometeu a interceder junto ao Filho para que recebesse o governador paraense.



O padre Antônio Vieira conseguiu autorização especial para visitar os lugares onde havia pregado. Em Belém, sofreu campanha difamatória patrocinada pelos que viam na sua presença uma ameaça contra a prática do trabalho escravo. Sem audiência humana, pregou novamente aos peixes. Vieira falou do convés de uma viglenga ancorada no Ver-o-Peso:

– Piramutabas, douradas, tamoatás, pirarucus, pratiqueiras, pescadinhas da maré, tainhas, ouvi! – bradou, encostado ao mastro da embarcação, ao mesmo tempo em que batia palmas. Pouco a pouco os primeiros peixes começaram a aparecer e postaram-se em torno da canoa.

– Tucunarés, corvinas, camorins, filhotes, bagres e gurijubas, acorrei todos!

A baía de Guajará, do Forte do Castelo ao de São Pedro Nolasco, ficou repleta das mais variadas espécies de peixe.

Vieira começou a pregar:

- "A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comessem os grandes, bastaria um grande para muitos pequenos: mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isso Santo Agostinho: os homens com suas más e perversas cobiças vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarcerar a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que vejais nos homens.

Olhai, peixes, lá do rio para a terra. Não, não; não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, **vedes o trânsito engarrafado**, vedes aquele concorrer às praças, e cruzar as ruas; **vedes o avançar do sinal vermelho**, vedes aquele subir e descer as calçadas, **vedes esses que estão a assaltar**, **vedes os que estão a correr da polícia**, **vedes os carros estacionados sobre as calçadas**, vedes aquele entrar, e sair sem quitação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer." ²⁰

A condenação da Diretoria da Festa de Nazaré, Rui Barbosa dá samba, tem japonês no Círio: Seiri, Seiton

A Diretoria da Festa de Nazaré foi condenada por não respeitar as tradições do Círio, por só pensar no horário de chegada da berlinda, por achar que o Círio é um sacrifício e não uma festa e, ainda, por cercear o livre exercício da religião ao impedir que pais e mães-de-santo chegassem perto da Santa.

A sentença condenatória, lida por um arcanjo, concluiu: É evidente a violação da Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 5º, inciso VI que assim dispõe: *É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos*. Protestaram os diretores, argumentando que esse é um princípio da lei dos homens, não havendo na Bíblia qualquer referência a respeito:

– O Tribunal está exorbitando de seus poderes. Será que estamos voltando aos tempos da Inquisição?

O melhor pensante do grupo pediu a palavra:

– Com máxima vênia, Criador, como já dizia o grande Rui Barbosa, *"primeiro é preciso julgar para depois condenar"*²¹. A gargalhada foi geral. Na confusão formada, um outro diretor aproveitou para expor o projeto "Círio Total":

– Nosso projeto de modernização conservadora do Círio de Nazaré se

baseará nos princípios da Qualidade Total. Conforme preconizam os japoneses, que desenvolveram o processo, deveremos iniciar as reformas com a aplicação da técnica dos 5S, assim conhecida por utilizar cinco conceitos que no Japão são representados por símbolos que foneticamente têm o som de "S".

O primeiro *S* refere-se à palavra *Seiri*, que traduzimos por *Senso de Utilização*. Ele nos ensina a ter só o necessário na quantidade certa. Por isso retiramos do Círio coisas inúteis como o carro dos foguetes, a cavalaria, os clarins etc. Baseados nesse princípio é que também queremos acabar com a corda.

O segundo *S*, vem de *Seiton*, é o *Senso de Ordenação*: um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar. Pretendemos acabar com essa bagunça que é o Círio. Queremos ver tudo em ordem, os romeiros uniformizados e identificados por tipo de promessa: *os que escaparam de tiros, de facadas, de mordeduras de cobra, de dentadas de jacaré, de emboscada, de ataques de onça, de naufrágios, de envenenamento, de pajelanças*²², os que pediram para casar, para separar, para livrar de mau olhado, para passar no vestibular, além de um lugar para aqueles que fizeram promessas com objetivo de alcançar desejos inconfessáveis. Queremos um desfile militarizado, com pelotões, batalhões, exércitos. Dessa forma, resolveremos o problema do atraso da chegada da berlinda. Imaginamos que, assim, no máximo às 9 horas, estaremos chegando ao CAN.

Seiso, é o *Senso de Limpeza*. Nossa proposta é tirar do Círio a excessiva quantidade de gente pobre e mal vestida. Achamos que a predominância dessa gentilha amulatada, dessa caboclada índia, prejudica a imagem externa de nosso

Estado. O Círio parece repetir as invasões dos cabanos à nossa capital, hordas de gente desqualificada *das classes ínfimas da sociedade*²³ circulando em nossas melhores avenidas. *Para honra e glória de nossa civilização*²⁴, ardentemente desejamos imunizá-lo de todo tipo de demonstração popular, ganhando assim, muito em qualidade. Limpo e higienizado, o Círio não precisaria mais ser uma festa de rua, poderia muito bem ser realizado nos salões refrigerados dos nossos bons edifícios. Podemos então, torná-lo um produto de exportação, levá-lo a Miami, Paris, fazer um filme em Hollywood. Criar uma franquia: *Fast-Círio*.

Mas, além dessa limpeza étnica, é necessária também a moral. Tem muito pecador no Círio, gente que não cumpre os preceitos cristãos, principalmente os referentes à fidelidade conjugal e a moral sexual.

Quando se preparava para apresentar o quarto S, o Supremo Juiz bradou:

– Já muito ousaste *abusar de nossa paciência!*

Foi convidado a se retirar.

A Lista de Barata, o espanto de Plácido e o dormitório de Belém

Barata, recebido pelo Filho, disse da inconformidade da maioria com a escolha do **EnC**:

- Um personagem que não se sabe o nome, o sobrenome, nem de que família provém. Um *herói sem nenhum caráter*²⁵, apenas caracteres. Pediu permissão para apresentar-lhe uma lista com personalidades ilustres da terra, de onde poderia escolher o herói de Belém.

A lista continha vultos expressivos classificados pelo seu campo de atuação: militares, artistas, intelectuais, cantores, políticos, governantes, escritores, bispos, santos de veneração popular. Por modéstia, Barata não se auto-incluiu na lista, mas aproveitou para nela introduzir alguns correligionários fiéis.

Entregue a lista, o general interpelou:

- Senhor, não é possível que dentre todos esses nomes, não haja algum que possa achar graça diante de Vós e ser então escolhido como o herói de nossa cidade.

O Filho, apreciando a lista, disse ao Interventor que esse assunto era de competência exclusiva do Eterno, que iria encaminhar-lhe a lista e solicitar que o recebesse.

Como a audiência tardava, Barata ameaçou fazer o Juízo civil e escolher o herói após audiência popular.

Dois dias depois é recebido pelo Eterno. Barata estava acompanhado de auxiliares. O Criador, de pé ao lado de sua mesa de trabalho, disse-lhe:

– Os desígnios de Deus são imperscrutáveis.

Cumpra-se.

Publique-se.

E tchau!

Barata retirou-se e através do chefe de gabinete divulgou a seguinte nota:

*Um valor mais alto se alevanta*²⁶.

Não se fala mais em EngoleCobra.



O caboclo Plácido, que achou Nossa Senhora de Nazaré, depois de refeito dos traumas da ressurreição, pediu para conhecer a Basílica. Foi também ao Museu do Círio, onde assistiu um vídeo com imagens da procissão. Quando viu a arreben-tação da corda chegando ao largo de Nazaré, emocionou-se diante do significado tão grandioso que seu gesto simples de recolher a pequena imagem na floresta pas-sou a ter na vida de tanta gente. *Caiu como corpo morto cai.*²⁷ Atordoadado, como um Michelângelo do mato que se espanta diante da grandeza de sua obra, saiu do

Museu e caminhou em direção ao largo. Falando alto, se perguntou:

- Meu Deus! E se eu naquele dia tivesse tomado uma outra bifurcação do caminho, quem cuidaria desse povo?

Em frente à Basílica, quase foi atropelado por um táxi. Sentou-se nas raízes de uma das samaumeiras da praça para descansar e admirou-se com o barulho dos periquitos que estavam chegando para dormir na velha árvore. Como pode, perguntou, eles passam o dia na quietude da mata e vêm dormir aqui, na confusão da cidade?!

O intendente de Ananindeua, que também descansava na sombra da árvore, comentou ironizando:

- É que Belém é uma cidade-dormitório de periquitos!

Já refeito do choque, Plácido concordou em contar aos jornalistas como achou a Santa:

- *No meio do caminho desta vida EnContrei-me a errar em uma selva escura...*²⁸

O preço de 70.000 sementes; os ladrões moram ao lado; Judeca ou Antenora

Chegaram os acusados pelo contrabando das 70.000 sementes de seringueira que foram levadas para a Ásia, o que determinou o fim do ciclo da borracha amazônica. Vêm todos os envolvidos: dos caboclos que coletaram até altos funcionários e autoridades. Alguns que nomeavam ruas, estão entre os envolvidos. Com os rostos **En**Cobertos dentro das camisas, acusam-se e agridem-se uns aos outros. Uma jornalista de tevê tentou entrevistar um dos acusados:

- *Quem és tu, contra os outros irritado?*
- *Não aumentes o meu drama; vai-te de volta, e vai-te a toda pressa!*
- *Dize-me: quem és?*
- *Nada direi, nem alçarei a face à tua frente!*

Um outro delata o companheiro de traição:

- *Que tens, Bocca? Que mal te toca?*

A jornalista se exaspera:

- *Vê que é inútil te disfarçares, traidor maldito!*

Para tua afronta, o teu castigo hei de espalhar nos ares.

Senhores, desculpem nossa falha, mas a indignação é tanta que saí dos limites. Esse que tentei entrevistar é o Sr. BoaBocca, proprietário do batelão que trouxe as 70.000 sementes de seringa ao porto de Belém, de onde foram enviadas à Inglaterra.

Bocca denuncia seu delator:

- *E o ouro do inglês havido, Barroso Aroeira?*

Para deixares livre o caminho

E o navio sair sem ninguém na esteira? ²⁹

Os dois comparsas se engalfinharam.

Os falidos com a quebra da borracha amazônica, os que perderam seus empregos, as polacas que não tiveram como voltar para casa e todas as viúvas do látex pedem a pena máxima:

- Que sejam condenados à Judeca, o último círculo do inferno.

O Tribunal sensibilizou-se com o pedido, no entanto, os traidores não foram condenados à Judeca, o último círculo do inferno onde pena o traidor de Cristo e todos aqueles que atraçoaram seus chefes e benfeitores. Seguiram para as gélidas planícies da Antenora, penúltimo círculo, onde penam os traidores da pátria. Na Antenora padece Antenor, um chefe troiano que traiu sua cidade, entregando-a aos gregos.

No momento do julgamento dos traidores, caiu uma chuva torrencial que amoleceu toda a cidade, recobrindo-a com uma lama parda da consistência de goma de tacacá.

A invasão do MST, a volta do velho Pedro, o julgamento dos arquitetos e o pânico, pois o Espírito está de volta

O MST, Movimento dos Sem-Título, com suas diversas facções (os que ainda não haviam morrido, os que morreram e nunca foram sepultados, os que foram desenterrados para dar lugar a outros) organizou invasões aos novos cemitérios de Belém.

O presidente da Associação dos Construtores, Proprietários e Mantenedores dos Cemitérios Particulares da Região Metropolitana de Belém e Arrabaldes (ACePeMeCePeRaMBA) esbravejou:

– O nosso setor é o único do mercado imobiliário que tem progredido nos últimos tempos em Belém. Querem acabar também conosco?



Os que morreram tendo como último desejo comer um doce ou uma rosca da extinta Fábrica Palmeira vagueavam em torno das suas ruínas como peregrinos medievais rezando as estações da Via Sacra.

Novamente, como fez durante anos após sua jornada de trabalho, o velho Pedro volta para casa.

*Passa um frêmito intranquilo
na rua de pressa e trânsito.*

*Mas logo um cheiro de paz
vem dos fornos da Palmeira.*

....

*Vasta sólida e tão frágil
a Palmeira ainda está viva
E faz pão pra sua mesa.
Talvez ele compre um pão
E siga a Padre Prudêncio.³⁰*



O hotel Hilton sofreu ameaça de ser apedrejado pelos que procuram o ter-
raço do Grande Hotel.



No julgamento dos arquitetos, o Professor Bamburral foi escolhido para defender a
classe diante do Tribunal. Pediu clemência e finalizou:

- Os arquitetos amam as catedrais sobre todas as coisas, e não tomam seu
santo nome em vão.

- Blasfemou - gritou um pastor da Igreja Universal - que sejam condenados!

Bamburral, surpreendentemente calmo, explicou:

- Na escola, aprendemos que as catedrais são cume da arquitetura; por isso,
as amamos sobre todas as demais coisas feitas pela mão do homem. Sabendo o que

representam, nenhum de nós diria que aquela concha acústica que fizeram em frente à Basílica é bonita como uma catedral. Isso significa, para nós, "não tomar seu santo nome em vão".

O Tribunal não se condoeu. Enquanto ainda se ouvia o choro e o ranger de dentes dos condenados, o Espírito retornou de novo sobrevôo. As novas denúncias aumentavam ainda mais o temor:

- Quem pecou contra as mangueiras?
- Quem mudou o nome de largo de Nazaré para CAN?
- Quem dilacerou os lugares?
- Quem desejou a cidade do próximo?
- Quem desmontou a caixa d'água – *inútil, bela, ferrosa renda?*³¹



No Bar do Parque, os ateus, incrédulos, céticos e agnósticos tentam explicações diante da galhofa dos crentes. Confundidos, não conseguem uma saída até que Ortóptero Blatário desdenha:

- É um fracasso: tem pouco anjo, os Cavaleiros do Apocalipse não apareceram, só essa mesmíssima mediocridade de Belém. Se a eternidade é isso, seria muito melhor que após a morte viesse o *abandono completo, absoluto*.

O julgamento de Lemos, os relatos de Euclides da Cunha, Osório Duque-Estrada, Afonso Pena. Magnífico, não achas?

O velho Lemos chegou em uma carruagem puxada por parelhas de puro sangue espanhol. Confiante, trazia em seu séquito funcionários que carregam o Álbum de Belém e os Relatórios da Intendência.

Um computador, com monitor de 27 polegadas, reproduzia, em realidade virtual, a Belém na época de sua administração. As tevês captaram as imagens que começam a aparecer no telão: o largo de Palácio, a praça da República, a praça Batista Campos, o jardim Prudente de Moraes (inspirado no de Versalhes), os hospitais de Alienados e dos Amarelentos, o Bosque Municipal, os quiosques, o orfanato...

Um vapor partindo do porto em direção a Liverpool. No convés, uma francesinha, chorando, exclama:

- *Adieu charmant pays!* ³²

As calçadas sendo limpas com vassouras mecânicas e, nas horas de canícula, carros-pipas irrigam as de maior movimento. As mangueiras, ainda jovens, não estão mutiladas pelos fios de luz. Uniformizados, funcionários da intendência orientam os caminhões da limpeza pública, que trabalham no sistema de coleta seletiva e operam o forno crematório.

"Close up" em um cartão-postal da época, retratando a praça Batista

Campos. Em letra miúda se lê: *Magnífico, não achas?* ³³

Visitantes ilustres são entrevistados e se manifestam:

Euclides da Cunha: – *Nunca esquecerei a surpresa que me causou essa cidade. Nunca São Paulo e Rio de Janeiro terão as suas avenidas monumentais, largas, de 40 metros e sombreadas de árvores enormes. Não se imagina, no resto do Brasil, o que é a cidade de Belém, com seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem.*

Osório Duque-Estrada: – *Por todos os títulos, Belém é hoje a terceira cidade da República: pela sua beleza natural, pelas grandes avenidas que a cortam em todas as direções, pela amplitude de suas praças, pelos ataviados jardins, pelo conforto da vida que aqui se passa, nenhuma outra pode competir com ela, com exceção do Rio de Janeiro e São Paulo.*

Visitando o Asylo de Mendicidade, o presidente Afonso Pena, admirado, fala:

– *Vale a pena ser indigente em Belém!*

Lemos lhe explica que, com a inauguração do Asylo, ficou proibido esmolar à caridade pública, nas ruas, praças, igrejas, edifícios públicos e privados.

Nas ruas iluminadas, os bondes deslizam suavemente nos trilhos e até se escuta o soar da sineta: plim, plim.

Na praça, todos ficaram maravilhados:

- Belém foi mesmo assim ou é montagem?

A impressão geral é que, depois dessa apresentação, Belém seria absolvida.

O clima de "já ganhou" tomou conta da multidão.

A revelação de Lauro Sodré, se a minha aura falasse, os legistas não falham

Lauro Sodré é convocado ao Tribunal. A chegada de Lauro Sodré e dos lauristas foi como uma ducha de água fria. Os lemistas tremeram. O arquiinimigo do Velho prometia revelações horripilantes. Aos juízes, Sodré revelou que um compadre seu, com poderes mediúnicos, havia conseguido fotografar a aura do Intendente no momento em que ele se lamentava:

– Ah! Se eu pudesse fazer o mesmo por minha terra. Um dia ainda vou re**En**Carnar e levar tudo para lá.

Lauro Sodré mostrou, também, um laudo dos legistas da UNICAMP com a montagem da foto do rosto de Lemos sobre o de Sarney. A coincidência dos bigodes não deixou dúvidas.

Lemistas desesperados tentaram contato com Lourenço de Medici (de quem propalavam ser Lemos a re**En**Carnação) para servir de contraprova. Não obtiveram resposta.

Lemos ainda tentou se defender, começou a ler uma carta confid**En**Cial que lhe fora enviada por Campos Sales:

Senhor
Antônio Lemos
Intendente Municipal de Belém

Li o relatório dos senadores Simão De Mântua e Humberto de Campos sobre o grandioso trabalho de V. Exa. à frente da Municipalidade de Belém.

O Dr. De Mântua assim se expressou:

Recebera a cidade com as casas na maioria cobertas de palhas de palmeiras e coqueiros, quase sem água, sem esgotos, mal calçadas, sem logradouros públicos, sem mercados, sem bondes elétricos....:

De Campos prosseguiu: As ruas foram alargadas, calçadas, renovadas, multiplicadas; a edificação, que antes era modelada pela velha arquitetura colonial, deu lugar às construções elegantes, ao casario leve, às vilas graciosas, consultando as manifestas necessidades do clima e as modernas exigências do gosto. Não houve terreno baldio, praça abandonada de onde inesperadamente não brotasse um jardim, sorrindo nas flores e cantando nas folhagens.

Simão De Mântua concluiu: Belém transformou-se após a longa e inteligente administração do Senador Antônio Lemos na mais bela cidade do Norte do Brasil, sendo hoje, certamente, uma das melhores cidades equatoriais em todo o Globo.

Tudo isso faz de V. Ex.^a um dos notáveis da República e

Aqui lhe faltou a voz, lágrimas escorreram de seus olhos. Não convenceu ninguém, até porque os argumentos apresentados nada tinham a ver com as acusações que lhe foram feitas.

Adieu, charmant pays, os caminhos de Muçuã e o triste fim de Lauro Sodré

A queda de Lemos foi para Belém um desastre no plano cósmico, assim como a de Adão foi para a humanidade. Acabou com a possibilidade de um novo Éden equatorial. A população responsabilizou Lauro Sodré e ameaçou linchá-lo. Receosos de que o Tribunal, pressionado pela turba, condenasse-o à pena vil, os lauristas resolvem contratar um advogado.

O doutor Muçuã Leago, mestre em *palavras, patranhas e parêmias*,³⁶ foi o escolhido. Visitou seu cliente e apresentou-lhe o plano de defesa:

O homem de Estado deve pautar seus atos pelo mais estrito pragmatismo, não pode dizer tudo que sabe, nem tudo que pensa, sob pena de, ao fazê-lo, prejudicar o Estado, a nação e o povo. Isso significa que, na politica, a ambigüidade e a mentira são partes constitutivas. É importante aprender a manejar a ambigüidade, a pronunciar discursos que passam ser interpretados tanto num sentido como no outro. Tendo esses principios como metro, deves excitar o idio do Todo Poderoso contra o teu adversário, procedendo como te informarei:

Tee louvores do homem que queres destruir, mas em termos tais que, esses louvores, sejam recebidos como uma afronta pessoal. Por exemplo, insinua que teu desafeto annunciava que recriaria o Jardim do Éden em Belém. Esclarece que nunca ouviste de viva voz tal promessa, mas que elas foram abundantemente difundidas pela imprensa que o apoiava até tomarem o rumo publico.

*Faz-lhe comprehender por meias palavras que a fama de tal pretensão de Lemos ameaça a reputação do Criador, embora o incitando a desdenhar da opinião publica e deixar que esses rumores da plebe baixem sozinhos como um balão que murcha. Ele interpretará tuas palavras, julgando ser ele próprio a vitima principal do pretensioso.*³⁷

No entanto, diante do Tribunal, Lauro Sodré fez tudo do jeito que lhe veio à cabeça: criticou o embelezamento da cidade, as concessões de serviços públicos, os longos prazos dos empréstimos no exterior, os relatórios da intendência, considerando-os caros e detalhistas. Por fim, atacou o programa de recolhimento do lixo, que tornava compulsório o uso de latas-de-lixo padronizadas. Enfatizou:

– Nesse ponto, conseguimos um grande feito. Nossa vitória não foi apenas circunstancial. Criamos um paradigma estético para a cidade: o Ver-o-Peso. Desmantelamos qualquer veleidade de uma Paris guajarina.

Descontrolado, Sodré gritou:

– Nós lutamos contra as latas-de-lixo porque Lemos nos queria impô-las como um tirano. Chutar e quebrar as tais caixas herméticas, assim como vazar lixo na rua, foi um ato de bravura cívica, uma forma de afirmar nossa inconformidade. Deitar lixo às ruas e a liberdade de sujar as praças foram bandeiras de luta política e não uma insubordinação anti-higiênica. Mais arrebatado, prosseguiu:

– O compromisso que assumi com meus camaradas foi: *Se, nesse caminho, avançar, sigam-me; se recuar, matem-me.*³⁸ Jamais trairei os ideais da jornada patriótica de 30 de dezembro de 1910!

A multidão, inconformada, pede a condenação de Sodré e exige que ele imediatamente pague por traição. O porta-voz do Tribunal informou que, por uma



*Mal, levanta do solo,
após o primeiro sobrevoo,
a nave explodiu.*





*A primeira coisa que me
desedifica, peixes, de rós,
é que coméis uns aos outros.*

diferença de fuso horário entre a Eternidade e a Terra, aquele julgamento, por sua gravidade, já havia ocorrido anteriormente. Daí porque Sodré, solitariamente, há muito já expiava seu pecado naquela praça em São Brás. Fora condenado a sentar eternamente em um "trono" de banheiro, em frente ao mercado inaugurado por Lemos. Tem por guardiãs as três Des-Graças: Fedor, Sujeira e Feiúra. No alto de uma coluna, o flagelo Pitiú mantém guarda para que seus seguidores não tentem amenizar sua pena.

De olhar perdido, perplexo, mão no queixo, Lauro Sodré gasta o tempo a contar os carros que passam em sua frente. Do contrário, se dorme, sonha com o Ver-o-Peso, com urubus ou com a algazarra das crianças comendo restos no lixão do Aurá.

A premonição de Sumaumeira, o mato bate à porta e um apelo patético

Com a condenação de Lemos, a situação de Belém se complicou. O Apocalipse começou a interpenetrar a realidade e modificar seus parâmetros espaço-temporais. Com isso, estranhos fenômenos começaram a acontecer.

Respeitável Sumaumeira, em visão premonitória, viu Belém se transformando em um imenso engenho Murucutu coberta de apuizeiros, o Manoel Pinto envolto de cima a baixo por raízes como tentáculos gigantescos, a praça da República tomada pelo mato era já uma capoeira grossa; os edifícios em volta também sofrem o *ataque silencioso do apuizeiro, vampiro verde, que não se limita apenas a sugar a vítima, cose-a nas dobras funéreas dum pano fantástico... e, triunfantes florescem e se esgalham.*³⁹

As raízes formam a grande rede e interligam toda a cidade, entram nos cabos de fibra ótica, nas linhas telefônicas, na rede elétrica, nos postes, nas galerias de esgoto, na tubulação de água e se entrelaçam como rizomas. As antenas da Embratel, as parabólicas, as antenas de telefonia celular, as antenas de tevê por assinatura estão todas tomadas pelos apuís. Ninhos de japiim pendurados na estátua da República. Nas escadarias do Teatro da Paz não mais mendigos, mas antas e capivaras. Na Doca de Souza Franco, em vez de gente fazendo "cooper", jacarés pegando sol. A cidade voltando ao domínio da floresta. Em vez de ruas, trilhas de novo.

O que mais espantava Sumaumeira era o fato de que, em sua visão, Belém não seria destruída de forma espetacular, nem pelo fogo, nem tragada pelas águas ou pela força de furacões e terremotos, mas lentamente. Como numa tortura chinesa, Belém seria enredada pelos apuizeiros. A expiação se daria quarteirão por quarteirão, casa a casa, quarto a quarto.

Em um programa de tevê, a apresentadora direcionando uma colher (usada como uma antena parabólica para o hipotálamo de Sumaúma) sintonizou sua frequência mental e conseguiu captar seu pressentimento. Ensinou aos telespectadores como proceder e muitos também conseguiram ver. Isto foi possível dada a mudança dos parâmetros físicos que facilitavam a ocorrência de fenômenos paranormais.

Muitos telespectadores que radicalizaram na experiência, captando as ondas mentais de Sumaumeira com colheres maiores, penetrando mais profundamente na nova realidade, não conseguiram voltar da viagem e se transformaram nos novos povos da floresta.

Sumaúma não se conforma com o que vê e, usando os poderes da rede telepática formada com o apoio da televisão, penetrou na mente divina e fez um apelo eloqüente:

– Senhor dos Exércitos,
Fundamento de Tudo, Origem e Dissolução do Universo,
Javé, Jove, Jeová, Alá, Oxalá, Tupã de todos os Trovões,
Perdoa essa urbe informe!
Absolve essa cidade genérica
Redime essa metrópole amorfa
Acolhe-nos em tua pátria celeste!
Tende piedade de nós!
Miserere nobis!

Um coro angélico respondeu:

- Cidade sem caráter.
- Resquiescant in pace.
- Mancha urbana sem história.
- Requiescant in pace.
- Cidade sem identidade.
- Requiescant in pace.

A conclusão do professor Marujo, os apuizeiros em intranet

A situação parecia irreversível: um grupo de pesquisadores analisava os fatos, debaixo dos apuizeiros que já tomavam quase todas as instalações do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará. O trabalho era bastante penoso, pois a biblioteca estava tomada de raízes e a busca de livros exigia mais habilidade de mateiro do que de catalogafista.

O professor Marujo apresentou suas conclusões:

– Senhores, os últimos acontecimentos parecem indicar que seremos condenados. Ative-me a estudar a questão por diversos ângulos e lamento informar que, ao que tudo indica, a condenação será implacável.

O Tribunal tem condenado aqueles que foram violentos contra a Arte e a Natureza e temo que, por essa razão, também nos condene.

É possível entendermos a cidade como obra de arte. O conceito se delineou de forma mais clara desde quando a obra de arte não é mais vista como a expressão de uma única e bem definida personalidade artística, mas de uma soma de componentes.

Olhemos para a cidade, vista assim como um todo em movimento, como um caleidoscópio de casas e bairros, edifícios e palácios, ruas e travessas, avenidas e praças, invasões e baixadas, histórias e tradições, pessoas e povos, raças e etnias... a cidade revela-se uma criação coletiva surpreendente. Este é o momento em que se

pode perceber que a cidade é uma impressionante obra de arte.

O artista da cidade é o coletivo, a coletividade, o povo, a multidão. É a coletividade que lhe confere fisionomia e movimento, tensão e vibração, colorido e som...

Além de seu traçado no espaço, sua arquitetura, sua articulação em ruas, invasões, avenidas, praças, edifícios, bem como das atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, compreendendo os seus lugares no tempo, além de tudo isso, a cidade pode ser vista como uma polifonia de cores, formas, movimentos e sons.⁴⁰

Senhores, quero crer que assim demonstrei ser a cidade uma obra de arte. Não resta dúvida de que os que atentam contra ela, atentam contra a Arte e podem ser condenados a penar no 7º Círculo do Inferno que abriga os violentos contra Deus, a Natureza e a Arte.

Era o que tinha a dizer.

Outros ainda tinham contribuições a fazer, porém os apuizeiros cresciam de forma alucinante e suas raízes haviam penetrado nos dutos das redes de informática e já não era possível imprimir os "papers".

Os sinais dos tempos

Diante da gravidade da situação, muitas tentativas desesperadas de interpretar os acontecimentos que levaram Belém à iminência da condenação foram feitas.

Uxi Comendes de memória recordou o canto LXXXV de Pound enfatizando o verso: "*Galileu no index em 1616*" ⁴¹ e concluiu:

– Não há dúvida, o ano de 1616, quando foi fundada Belém, foi aziago, foi também, o ano da morte de Shakespeare e Cervantes.



Dom Lustosa, transmitiu sua interpretação:

– Belém esta sendo condenada pois seria "a grande prostituta que está sentada à beira de águas copiosas", de que fala o capítulo 17 do Apocalipse. Concluí isso à margem de minhas visitas pastorais ⁴²; ao analisar a localização geográfica da cidade, na foz de duas grandes bacias hidrográficas.



Cacique Desgrenhado, usando uma aparelhagem de pastores que pregavam no coreto localizado ao fundo do Teatro da Paz, pediu por Belém ao Tribunal:

- Não a condene ao extermínio, apenas ao esquecimento. O esquecimento é o pior castigo. Das cidades esquecidas.... quem se lembra?

O professor Penteado aparteou:

- Quem se lembra de Fordlândia, a primeira cidade "planejada" da Amazônia? Quem se lembra de São Cristóvão, a primitiva capital de Sergipe? Ao passo que todos nos lembramos de Sodoma, destruída por seus pecados.

Desgrenhado concluiu:

- Esqueça, pois, a Justiça, deixe tudo por conta do mais terrível castigo: a indiferença.



O Engenheiro Engenhoso demonstrou que uma terra chamada Pará nunca poderia ir para frente.

Professor Cotia lembrou:

- Houve um tempo em que os viajantes que por aqui passavam ironizavam o adágio popular: Quem vem ao Pará, parou. *Interpretavam aquele parou como uma quarentena lúgubre no hospital.* Mas longe ainda foi o francês Verbrughe,

que assim o traduziu:

*Qui visite Para
S'arreête (au cemitière)* ⁴³

O Engenheiro conclamou:

- Ainda é tempo, proponho mudar o nome de Pará para Andá.



Dom Antonio de Macedo Costa, mais uma vez, acusou de profanação os artistas que haviam **EnCenado** no pavilhão da Flora, no largo de Nazaré, uma representação do Juízo Final, baseado nas pinturas da Capela Sistina e ameaçou a todos que ousam divertir-se com interpretações pagãs e desrespeitosas dos temas sagrados. Disse olhando de atravessado para o autor dessas notas.

Depois, tomando em suas mãos o "Compendio de Civilidade Christã" de sua autoria falou: A principal causa de ora estarmos a viver tal dissabor é a falta de civilidade. Desde 1879, quando ofereci às famílias paraenses esse meu pequeno opúsculo, já advertia:

- *"É a civilidade, no conceito de todos, um complemento indispensavel da boa educação. Seus principios e regras devem ser inculcados diligentemente aos meninos, desde os mais tenros annos e assim se costuma praticar nos paizes mais avançados em civilização, d'onde resulta tornar-se a sociedade ali tão recommendavel pela fina urbanidade, primorosa elegancia e nobreza do trato.*

Infelizmente, assás descurado vai entre nós esse, como outros ramos d'instrucção." ⁴⁴



...o arcaico escudo
é também um enigma...

**Em que se decifra o arcaico emblema:
o Brasão d'Armas de Belém, estava tudo ali**

No Instituto Histórico e Geográfico, os conselheiros buscavam uma saída, tentando interpretar o Brasão d'Armas de Belém. O professor Acostumado no Igarapé leu os Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará: *"D'este modo o archaico escudo é tambem um enigma que se offerece ao historiador e ao archeologo. As inscrições latinas, que deveriam ser a base da investigação, peccam por ambíguas. Houve sem dúvida deturpações das phrases primitivas. Parece-nos estranho o lema: Futius latent: Escondem-se com mais segurança. Rectior cum retrogradis - Caminha melhor quando retrogrado - afigura-se-nos de difficil explicação, especialmente pela circumstancia de caminhar o sol do occidente para o oriente. Suppor que o sol symboliza a civilisação americana, reverberando do novo continente para o velho, parece-nos uma interpretação incompatível com as idéias d'aquelles tempos."*¹⁴⁵

Falou o doutor José do Matagal Denso:

-Valho-me da tradição dos Cavaleiros da Ordem do Amemeuguardaxuvaxado para decifrar o segredo deste labirinto da parassematografia. Sua heráldica, trabalha sempre com a alternância de sentidos entre as inscrições e os símbolos, estabelecendo mais do que uma representação estática, caminhos ou possibilidades que podem vir a acontecer. Pedro Teixeira, um dos prováveis

autores do emblema, possivelmente pert**En**Cia a essa ordem. Para decifrar essa esfinge temos que iniciar a leitura no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. O escudo esquartelado - dividido em quatro - indica existirem várias probabilidades a multiplicarem-se como num jardim de caminhos que se bifurcam, para chegarmos à terra da eterna primavera onde sempre é verde: *Ver est aeternum*. A segunda inscrição latina, ainda no primeiro quartel, que ora aparece como *Futius latent*, ora como *Tutius latent*, demonstra uma contenda entre o T de Teodoro, o que adora Deus e o F de Fausto, aquele que faz o pacto com o demônio. Aqui, nessa primeira volta, prevalece o T e deve se ler a inscrição como: *Tutius latent*: "Nada fez Deus ocioso". Nada fez Deus por acaso, nem o Brasão d'Armas de Belém. A frase é uma advertência no início.

O setor inferior esquerdo demonstra que, se seguirmos o justo caminho, chegaremos à sólida fortaleza **En**Cimada por um colar de pedras preciosas. As quinas portuguesas indicam, como já demonstrou o Doutor Patroni, que poderíamos ser a capital do 5º Império Português.

No quartel inferior esquerdo, novamente duas possibilidades se contrapõem: ou se realiza a profecia de Miqueias: "*Nequaquam minima est*", "de modo algum és a menor"; ou seremos um imenso pasto: a parvoíce do asno presidirá as cabeças dos governantes; e a apatia do boi, o comportamento do povo.

No quartel superior direito, as probabilidades oscilam entre iluminarmos do Novo Mundo a civilização planetária ou a advertência sinistra, *Rectior cum retrogradis*: "Caminha melhor quando retrograda". Caminhamos melhor, mais rapida-

mente, para trás. Corremos de marcha a ré.

O círculo se fecha, chegamos ao fim-começo. No segundo giro pelo quartel superior esquerdo, Fausto **vEnCe** a contenda com Teodoro, prevalecendo o F de sua inicial. Agora se lê: *Futius Latent*: "Escondem-se com mais segurança". O sentido é óbvio: aqui, os ladrões têm melhor guarida.

Concluiu Denso: Só agora, quando se aproxima o dia final, é possível entender bem claramente. No passado, as frases e símbolos do brasão pareciam ambíguas e de difícil explicação. É compreensível. Quem poderia imaginar que a cidade da qual disse o sábio Coudreau: *quase nada ficava a dever a não importa qual cidade européia ou norte-americana de igual população.... Ela é mais rica do que muitas, mais progressista do que diversas de suas rivais;*⁴⁶ seria hoje, essa despedaçada Belemendiga?

**A arca de Júlio César: do vôo dos pássaros
à dirigibilidade da navegação aérea;⁴⁷ a máquina de açai
no espaço sideral; Jesus Cristo dá uma colher de chá**

Em rede de televisão, um sábio paraense, mas desconhecido da maioria, se apresentou e fez uma proposta:

– Povo do Pará, quem vos fala é Júlio César Ribeiro de Souza, foi a mim e não ao imperador romano, como muitos pensam, que a municipalidade pretendia homenagear, rebatizando com meu nome a antiga estrada da Maracangalha.

Eu fui o primeiro paraense a voar. Em 1881, bem antes dos feitos de Santos Dumont, com o meu balão Victoria, voei nos céus de Paris diante dos mais afamados aeronautas franceses.

Vendo que Belém está prestes a cobrir-se de fumo letal ou transformar-se em *inférnea pira*⁴⁸; e para que não sejamos apenas *eco desperto e morto da soldade*,⁴⁸ vos proponho um esforço para a construção de uma nave que possa transportar para o espaço sideral testemunhos da civilização paraense, já que na Terra não deixaremos marca.

Acredito que, com os meus conhecimentos aeronáuticos e a moderna ciência, poderemos construir tal nave e lançá-la ao espaço antes que o mato nos recubra.

Em seu interior colocaremos, para conhecimento das gerações futuras, o

melhor produzido pelo nosso gênio: a máquina de bater açaf – o mais complexo mecanismo que nosso engenho fabricou, sabonetes Phebo, cantores de brega, garrafadas, pajelanças, banhos de cheiro, amuletos de sexo de boto e o que mais houver. Será nosso contributo a uma possível civilização que no Universo venha suceder aos humanos.

Também será permitido preservar em nossa arca aqueles pertEnces mais significativos da vida de cada um.

Júlio César recebeu muitos embrulhos com cartas de amor escritas e não enviadas; poemas de poetas tímidos; manuscritos de escritores perfeccionistas; segredos misteriosos; dólares comprados no câmbio negro....

Mário Virgino tentou convencer Júlio César a não prosseguir em seu projeto, preocupado com desastres aéreos. Em vão.

Quando a nave estava pronta, o próprio Júlio César, com letra antiga, escreveu na fuselagem: "Belém, *arremedo e contraste da verdade*".⁴⁹

Mal levantou do solo, após o primeiro sobrevôo, a nave explodiu.



Enquanto passeava no Bosque Rodrigues Alves, o Filho que fora informado do descaso dos AL's pela opinião pública, deu à Acadêmica da Pedreira uma entrevista esclarecedora:

- Por que o impronunciável foi o escolhido para carregar a placa com o nome de Belém?

- Esqueça, ele foi deletado, agora ele é mera partícula. **EnCoberto** no texto, **EnCantado** nas palavras. Caracteres **EnCrEnCando** em busca de sintaxe.

- Por que Belém foi escolhida para ser uma das primeiras cidades julgadas?

Derrubando as especulações de determinismo geográfico, o que foi parido pela Virgem de Nazareth,⁵⁰ falou: "*Quando a Imaginação, a Arte e a Ciência desaparecerem, quando todos os Dons Intelectuais, todos os Talentos forem considerados inúteis, e apenas restar a mediocridade, então começará o Último Julgamento.*"⁵¹

Disse enquanto subia na nuvem que o levou, de volta, ao Manoel Pinto da Silva.

Os extraordinários fenômenos da Realidade Camp₁nt†ε

A realidade começou a d

E

s

L

i

z

a

R

dos parâmetros de tempo e espaço

como se iniciasse um transe-trânsito para outro estágio.

O tempo se ampliou e era possível ver o presente não apenas como um ^{cuí} imperceptível entre o passado tempo futuro.

Cada momento era percebido em todas as direções:

dos incontáveis passados

dos inumeráveis presentes

dos infinitos futuros.

Na perspectiva do observador

enquanto tal

Na perspectiva do observador

enquanto observado: objeto.

[Observadobjeto]

Vendo e visto || visto e vendO

Salão de espelhos refletido por espelhos.

Caleidoscópio dentro de caleidoscópios.

No entanto, essa mudança não criava um estado de torpor.

Era [só] o tempo que havia se **expandido** em todas as direções:

Realtime circular no eterno recomeço a cada *reset*.

Idade virtual verbivocovisual verbivocovirtual.

Nesse uniAverso CambiVntē, nessa reFAZenda de bits e bytes cibernmáticos,

cada pessoa poderia ser vista em todos os lugares em que eXteve

E em todos os lugares que gostaria de ter estado.

As personas, não eram apenasmente o que eram. Eram, tombém, o que serseriam se, desteterminado dia, flynando pela cisdadela, houvessem tomado a bibifurcação do jardim de caminhos que, ao invés de segunda em frente. Cada falso que se via, transvia-se do princípioerao verbo até o finnisterra. Todos eram o que farfalharam, o que queriam seresser, sônham seresser, não testiculunveram cocoricoragem de seresser. Cadaumportodos e todospornenhum eram a sua geneaética, o seu DNA, mais as circulares circunstâncias da sua eXtória e os fragmentos dos seus sônossos: Peidaços restantes de suas conspurcações. Todas as pre-sibilidades.

Todas as possibilidades → O impossível é improvável → O improvável quase certo.

Todas as possibilidades → Eu sou tu → Eu sou todos → Eu sou tudo.

Porém acima desse tempo-time redondo, recorrente
Pairava, seta irremediável
dardo uma vez lançado [jacta est]
flexa de si mesmo, singrando-se e cortando-se na própria carne
singrando-se e cortando-se na própria não matéria-tempo
o velho Tempo coetâneo da matéria, contemporâneo de tudo
Profundo, cósmico
geológico [ilógico]
Tempo reiDosHunos
bárbaro devastador de tudo
Devastador de si.

Todos eram uma alegoria



um samba enredo



um filme



uma

história



ou uma pintura



Cubista, que se vê ao mesmo tempo

de frente



de lado



de costa



de cima



de baixo

Os suicidas caíam e recaíam do Manoel Pinto com seus sonhos e seus temores vistos por todos.

No largo das Mercês voltava a luta pela conquista do trem de guerra e aos cabanos se juntavam os camelôs.

Na avenida Nazaré, o tiro do atentado contra Lauro Sodré.

A Província do Pará incendiou-se.

No largo de Palácio, os gritos de Greenfel ameaçavam Batista Campos em seu silêncio patético.

Na baía de Guajará, o desespero dos prisioneiros do "Palhaço".

A "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" confundiu-se com a "Caminhada das Diretas".

Polêmica no Bar do Parque e a tentação de Miguel dos Prazeres, quem é Lucivaldo Frado?

A polêmica no Bar do Parque continuou. Ferrenho Babaçu fez uma autocrítica e lamentou não ter percebido o quão revolucionário era o Juízo Final: a mais perfeita, a mãe de todas as utopias igualitaristas imaginadas pelo homem. Lamenta não ter percebido isso ao longo de sua vida. Quando estava prestes a convencer seus camaradas a assinarem um manifesto fazendo uma autocrítica coletiva, Miguel dos Prazeres ou seu irmão, o personagem que então transitava entre os ainda vivos, se intrometeu na discussão e deu um depoimento que confundiu ainda mais a todos. Disse que sentiu alguma coisa estranha no momento em que tentava pagar sua promessa. Quando carregava o barquinho de miriti, percebeu que a tala não espetava, que a vela feita por sua mãe não tinha aquela aspereza de pano de rede. Porém, o que mais o intrigou foi que o anjo que recebeu a promessa no Carro dos Milagres não catingava a suor:

- Logo eu, caboclo acostumado a farejar cheiro de caça no meio do mato, não ia sentir a cutaca do anjinho debaixo daquele solarão todo? Miguel é crivado de perguntas e concluiu:

- Eu desconfio que isso tudo são as tais magias da realidade virtual e que estamos sendo vítimas de um experimento ficcional. A prova disso é que eu, um caboclo da beira d'água, ia lá saber o que são magias da virtualidade e experimento ficcional?!

Apesar dos argumentos de Miguel terem algum sentido, ninguém lhe deu muita importância. Miguel **En**Costou-se no balcão e pediu uma dose. Aproximou-se dele um estranho que disse ter-se interessado pelos seus argumentos e lhe convidou para conversarem em um lugar mais reservado. Para isso, Miguel teria que se desv**En**Cilhar de seu autor. Aproveitando o momento em que Bené fazia uma intervenção, Miguel escapuliu, dirigiram-se para um bar na Riachuelo. No caminho, o sujeito se apresentou:

- Lucivaldo Frado, seu criado, mas sou mais conhecido por Luci Frado.

No bar, Luci elogia a percepção de Miguel e lhe propõe um negócio em troca da revelação da verdade: se o Juízo era real ou virtual. Miguel lhe perguntou quem era, para ter a resposta à questão tão difícil. Luci abriu o jogo:

- Eu trabalho negociando almas. Quando entrei nesse negócio, comecei com muita desvantagem. O outro lado jogava solto, de capital mesmo, eu só tinha a alma do Caim e daquele pessoal de Sodoma e Gomorra. Mas trabalhei duro. Enquanto os anjos ficavam tocando harpa por cima das nuvens, iniciei em minha organização um programa de reengenharia, definimos nossa missão e treinei o nosso pessoal já dentro dos novos paradigmas. Unidos fomos à luta.

Fizemos do mercado de almas uma realidade. Estruturado com Bolsa de Futuros, só então cada um pôde escolher o seu destino. A liberdade, que era uma palavra morta, saiu do dicionário para a vida. O futuro deixou de ser monopólio.

Chegou a haver uma divisão consentida do mundo, eles não acreditavam onde nós poderíamos chegar, quando viram o nosso potencial e perceberam que ganharíamos a parada, quebraram unilateralmente o pacto. Eles já vinham dando mostras de que iam jogar sujo, quando iludiram Mefistófeles, que tinha, com Fausto, um pacto assinado com sangue, do qual havíamos cumprido a nossa parte. Foi apelação seduzir o velho Mefisto com aqueles anjos nus dançando o Tchan e sacudindo a bunda para o lado dele.

A antecipação inesperada do Juízo Final desequilibrou as transações a longo prazo, do mercado futuro. Como vão ser honrados todos os compromissos assumidos sem a quebra de outros? Nós temos negócios envolvendo sigilosamente fiadores do lado deles. Igualmente tem muita gente de lá que nos vendeu a alma em troca da fama e ainda não foi recompensada. Quem vai ficar com essas almas?

A minha questão não é com esse julgamento de Belém, no qual eu bamburrei. Aqui a indefinição de regras me favoreceu. Quem poderia imaginar que não cuidar da cidade era motivo de condenação? Nos outros lugares não sei se vai ser tão bom para mim. Precisamos de regras claras, se não isso pode virar um cassino global. Pode provocar o "crash" Universal, uma reação inesperada colocando em xeque a própria sobrevivência da civilização transcendental. Está em risco a própria Eternidade. Se não mudar esse estado de coisas, a Eternidade não sobreviverá.

Miguel, muito espantado com o que ouvia, perguntou:

- Mas por que o senhor foi se interessar logo pela minha alma? O senhor não disse que bamburrou por aqui?

- É a dinâmica do negócio, não se pode parar um só momento, eu não sei as regras que irão valer amanhã.

- Mas quanto vale uma alminha fraca como a minhazinha?

- Eu lhe prometo, nessa vida, poder, juventude e conhecimento. *Os teus olhos se abrirão e serás como os deuses que distinguem o real e o virtual* ⁵².

- Se nem o senhor sabe para onde vão as coisas, de que me vale fazer um pacto para obter a verdade: se isso é mesmo o Juízo Final ou um jogo de especulação, uma aposta virtual, um efeito de computador? Se for só isso o que o senhor tem para me dar, vou lhe dizer uma coisa: ir para o Inferno para mim não vai ter nenhuma vantagem, com padecimento já estou acostumado.

- Depois... o que vou fazer com poder, juventude e conhecimento? O mundo aqui está se acabando, o mato já está tomando conta de tudo, tem rua que já virou capoeira, dá até para passarinhar....

Enquanto conversavam, chegam os Donos do Pedaco, que propõem um pacto com Luci:

- Queremos aproveitar os últimos momentos!

Luci vai direto ao assunto: As bases para o negócio são a alma em troca de juventude, conhecimento e poder. Os Donos do Pedaco dizem que não têm mais tempo para gozar a juventude, não se interessam pelo conhecimento e pedem um desconto.

Luci, surpreso, diz que sempre pelo mundo afora tem negociado o pacote fechado. Contrapropõe: A alma pela eternidade e eu dou o conhecimento de lambuja.

- Ficamos no inferno por cem séculos em troca do poder, ou não tem jogo.

- Está bem, mas eu exijo garantias reais. Para não ser novamente ludibriado, como no caso de Fausto, vocês terão que ser submetidos a uma punção para retirar uma parte de suas almas. Isso será a minha garantia, uma espécie de caução. Se, por um acaso, o céu novamente jogar sujo e tentar resgatar a parte restante, essa que já está comigo padecerá no inferno e para vocês não haverá paz.

O negócio foi fechado.

L E C O B R A
O R
G E
N S
E S
O U
D O ã Ç I E R

A R E S S U R
R E
B I
O Ç
C ã
E O
L O G N E O D

EnChente desEnCapou EnCiclopédia EnCadernada
EnCubado mal-EnCarado confidEnCiou EnCaçapar
desEnCaixe convEnCional desEnCalacrou EnCaminhamento
elEnCo descredEnCiado EnColerizado despEnCou
EnCoberto EnCucado EnCurva referEnCial

EnCaixota EnCaixota EnCaixei EnCaixou
EnCaixa desEnCaixa EnCaixa desEnCaixa EnCaixa desEnCaixa

avEnCa coessEnCial EnCafuou existEnCialismo
alEnCarino EnCabeça puxa-EnColhe subvEnCionado
conferEnCista emergEnCial EnCanoado EnCasquetou
mEnChevique plenipotEnCiário presEnCia reEnCarnação
reEnCarnado presEnCia mEnChevista EnCagaçado

EnCaixota EnCaixota EnCaixei EnCaixou
EnCaixa desEnCaixa EnCaixa desEnCaixa EnCaixa desEnCaixa

eletroEnCefalograma confidEnCial desEnCabeça bem-intEnCionada
pEnCudo desEnCantado EnCapuçou EnCefálico
EnCiclopedista EnCatarrado EnCetou EnCarreirar
EnCéfalo EnCrenqueiro desEnCafuou EnCíclica
pseudEnCéfalo mal-intEnCionado convEnCeu EnCaiporado

EnCaixado desEnCaixado EnCubado desEnCubado
EnCarnado desEnCarnado EnCorpado desEnCorpado

previdEnCiário credEnCiado EnCiuma EnCanador
EnCanador EnCamou licEnCioso previdEnCiário
EnCrEnCa exponEnCial EnCruou EnCanzinado
EnCosto licEnCiado subvEnCiona nomEnClatura
EnCômio torrEnCial evidEnCiou desEnCamisado

EnCantado desEnCantado EnCostado desEnCostado
EnCardido desEnCardido EnCapsulado desEnCapsulado

presidEnCialista EnCabulado EnCarcerou convEnCido
EnCefaloma EnClausurado EnCasmurrou gEnCiana
EnCarapinhado EnCruza EnCefalalgia EnCachoeirada
EnComiasta EnCarou sapiEnCial EnCostadela
EnCarnado EnCardido vEnCeu EnCastelado

EnCabulado desEnCabulado EnCapetado desEnCapetado
EnCoberto desEnCoberto EnCrEnCado desEnCrEnCado

EnCruzilhada existEnCial EnCucou EnCantado
EnCantado desEnCadeou EnCrEnCa EnClítica
mEnCionado quitesEnCial desEnCobriu-se silEnCioso
despEnCado cadEnCiadamente EnCruzou EnCaroçada
agEnCiador atEnCioso EnCaminhou EnCarnação

vEnCido vEnCedor vEnCedor vEnCido
EnCerra desEnCerra EnCerando desEnCerando

Quando tudo parecia perdido surgiu a última chance de Belém

O julgamento estava quase chegando ao fim. A Guarda de Nazaré, que se havia postado à porta do Edifício Manoel Pinto por ordem dos AL's, impedira o Pastor Firmeza de entrar. Ele, por uma Gath'alma que estava subindo para ser julgada, mandou um bilhete para Nossa Senhora de Nazaré. A Virgem exclamou:

- "Here Comes Everybody !"

Um AL's, que a tudo assistia, redigiu um letreiro e mandou colocar na entrada do edifício:

H C E

Here Comes Everybody

Todo Mundo Entra Aqui ⁵³

O pastor subiu e argumentou com o Eterno:

- Senhor, vais condenar toda a nossa cidade. Em Sodoma deste uma oportunidade a Abraão.

Abriu a velha Bíblia e leu o capítulo XVIII do Gênesis.

- *Disse pois Javé: "Verdadeiramente é grande o clamor contra Sodoma e*

Gomorra! Muito grande é o seu pecado! Descerei para ver se de fato eles agem, ou não, conforme o clamor que contra eles veio a mim; então ficarei sabendo."

Tendo descido, chegou-se Abraão a Javé e disse: "Queres mesmo que pereça o justo pelo pecador? Talvez haja cinquenta justos na cidade. Irias exterminá-los também, e não perdoarias a cidade por estes cinquenta justos que lá vivem? Longe de ti fazer tal coisa! Fazer pagar o justo pelo pecador, ser o justo tratado como iníquo. Longe de ti! Poderá acaso o juiz de toda a terra não fazer justiça?"

Respondeu Javé: "Se houver em Sodoma cinquenta justos, por causa deles perdoarei a cidade toda."

Abraão de novo tomou a palavra: "Sou certamente ousado em falar a meu Senhor, eu que sou pó e cinza! Pode ser que faltem cinco justos para completar cinquenta: neste caso destruirias, por causa destes cinco, toda a cidade?" Respondeu-lhe: "Não a destruirei se nela houver quarenta e cinco justos." Abraão continuou: "Talvez só existam quarenta". E Javé respondeu: "Nada farei por causa dos quarenta."

E Abraão continuou a falar: "Que meu Senhor não se zangue pelo que vou dizer: Talvez ali se achem trinta?" Respondeu ele: "Nada farei se lá houver trinta." Abraão acrescentou: "Vou falar atrevidamente: quiçá se achem vinte?" E Javé replicou: "Não destruirei a cidade em vista dos vinte." E Abraão disse: "Que meu Senhor não se irrite se falo ainda uma vez: e se, por acaso, houver somente dez?" Ele respondeu: Por causa dos dez não a destruirei."

Terminada a leitura, guardou a Bíblia debaixo do braço e perguntou:

- Senhor, se acharmos uma rua sem buraco, uma calçada inteira, um sinal de trânsito sem Flanelinha, uma praça sem menino cheirando cola ou loucos de rua completamente nus, um quarteirão sem terrenos baldios, um bairro sem construções abandonadas, salvai nossa cidade? Os três juízes conversaram, havia jurisprudência na tradição da urbemaquia bíblica.

O Eterno respondeu:

- Se me mostrardes uma cidade sem espaços fraturados, sem descon-
tinuidades e fragmentações, interstícios e justaposições, relações sem hierarquia,
desconexões e hibridações, salvaremos a cidade. Todos saíram à procura.
Retornaram com fotos, vídeos, levantamentos aerofotográficos.

+

Os AL's, Assessores Locais do Juízo, foram condenados. Em seu último voo de inspeção, o Espírito flagrou-os vendendo material genético dos bichos do Museu Goeldi.

Não há maiores detalhes, pois ainda conseguiram foro privilegiado e julgamento sigiloso.

O Juízo Final

Como o ambiente no Manoel Pinto estava insuportável, a Trindade se reuniu no Teatro da Paz para analisar as provas e se pronunciar. Na praça, todos aguardam o veredicto.

Com medo da reação popular, a Trindade resolveu ir embora de lá mesmo. Levam o pano de boca do Teatro para decorar a biblioteca celeste do Espírito.

A sentença deixada em cima de uma mesa se inicia com a revogação da bula papal *Copiosus de Misericórdia* que havia criado o Bispado do Pará, alegando que a compaixão por nossas misérias se havia esgotado: Belém foi condenada por insuficiência de provas. Apenas o Círio e a Basílica de Nazaré foram poupados, porém terão que ser levados para São Luís.

A Basílica começou a ser desmontada.

As colunas vão sendo arrumadas lado a lado na calçada do outro lado da praça.

Os vitrais são acondicionados em "containers".

Vão retirando tudo até os alicerces, como para impedir que uma nova basílica brotasse. Só deixam o frontão, já que retrata cenas e personagens da história de Belém. Será substituído por outro no Maranhão.

A CNN transmite tudo em rede mundial.

Belém chora na passagem do último Círio.

Onde antes estava o altar-mor renasceu o igarapé da Santa.

O trem da Vale, onde estão depositadas as caixas contendo a Basílica,
começa a se movimentar.

Nossa Senhora de Nazaré se recusa a seguir.

Voltou para a mata.

Escondeu-se debaixo de um taperebazeiro...

REFERÊNCIAS

- ¹ CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Haroldo de. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ² CELANO, Tomás de. *Dies Irie*. In: MOZART, Wolfgang Amadeus. *Réquiem KV 626*. Londres: Sony, 1989. Tradução Flávio Nassar.
- ³ CALVINO, Italo. *Marcovaldo ou As Estações na Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 138.
- ⁴ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 11.
- ⁵ MACEDO, Paulo de. *Anuário Comercial e Industrial da Capital e Municípios do Estado do Pará e Roteiro da Cidade de Belém*. Belém, 1964. p. 228.
- ⁶ DAMOUS, Jamil. *Tempo Turiense e Outros Tempos*. Rio de Janeiro, 1978. p.34.
- ⁷ MEIRA, Augusto. *Brasileis: epopéia nacional brasileira*. 3 ed. Belém: Falangola, [19--?] Canto II. Estrofes: 55, 60, 61, 108.
- ⁸ PATROCÍNIO, José do. In: VIANNA, Camilo, BRITTO, Rubens. *Cultura e Nutrição na Amazônia, sob hábitos e tabus*. Belém: SUDAM, 1982.p 3.
- ⁹ PINAJÉ, Rodrigo. Segundo Paulo Klautau em conversa informal.
- ¹⁰ FAUSTINO, Mário. *Poesia Completa Poesia Traduzida*. Organizado por Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985. p.172.
- ¹¹ CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Haroldo de. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p.35.
- ¹² CELANO, Tomás de. *Dies Irie*. In: Mozart, Wolfgang Amadeus. *Réquiem KV 626*. Londres: Sony, 1989. Tradução Flávio Nassar.
- ¹³ OHANA, Dalila Nogueira. *Eu e as últimas 72 horas de Magalhães Barata*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1960.
- ¹⁴ POUND, Ezra. *Os Cantos*. Tradução de José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Canto XCVI. p. 693.
- ¹⁵ POUND, Ezra. *Os Cantos*. Tradução de José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Canto I. p. 21.

- ¹⁶MATOS, Emanuel. *Pássaro Avoado*. Belém, 1993.
- ¹⁷MONTEIRO, Benedicto. *O Carro dos Milagres*. Belém: NovaCultural; Boitempo, 1975.
- ¹⁸Πάντα ρεῖ (tudo flui). HERÁCLITO In: MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Madri: Alianza Editorial, 1982.
- ¹⁹MALLARMÉ, Estefânio. *Um lance de dados*. 3. ed. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 155.
- ²⁰VIEIRA, Antônio, Padre. *Vieira: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: AGIR, 1971. Sermão de Santo Antônio. p. 55-57.
- ²¹MARTINS, Herivelto, PINTO, Marino. *Segredo*. Gravado por Dalva de Oliveira. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1947.
- ²²MORAIS, Raimundo. In: MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém: Memória & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*. Belém: FUMBEL, 2000.p. 164.
- ²³RAYOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará Desde o Ano de 1821 até 1835*.Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.
- ²⁴VERÍSSIMO, José. *As populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. In: MOREIRA, Eidorfe. *Visão Geo-Social do Círio*. Belém: Cejup, 1989. (Obras Reunidas, v.4).
- ²⁵ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- ²⁶CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Victor Civita, 1982. Canto I.
- ²⁷ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Tradução de Augusto de Campos. O Anticrítico. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Inferno, canto V.
- ²⁸ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Tradução de Cristiano Martins. São Paulo: Universidade de São Paulo; Itatiaia, 1979. Inferno, canto I.
- ²⁹ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Tradução de Cristiano Martins. São Paulo: Universidade de São Paulo; Itatiaia, 1979. Inferno, canto XXXII.
- ³⁰LIMA, Pedro Galvão de. *Velho Pedro vai para casa*. Belém, 1985.
- ³¹LIMA, Pedro Galvão de. *Velho Pedro vai para casa*. Belém, 1985.

- ³² BELÉM da Saudade. 2.ed. Belém: SECULT, 1998. p.138.
- ³³ BELÉM da Saudade. 2.ed. Belém: SECULT, 1998. p.166.
- ³⁴ MÂNTUA, Simão de. In: ROCQUE, Carlos. Antônio Lemos e sua época. 2. ed. Belém: CEJUP, 1996.
- ³⁵ CAMPOS, Humberto de. In: ROCQUE, Carlos. Antônio Lemos e sua época. 2. ed. Belém: CEJUP, 1996.
- ³⁶ CAMPOS, Haroldo de. Galáxias. São Paulo: Ex Libris, 1984.
- ³⁷ CARDOSO, Fernando Henrique. Aula magna Universidade Sarah, Brasília, Folha de São Paulo, 09 abr.1998.
- MAZARIN, Cardeal. Breviário dos Políticos. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ³⁸ SODRÉ, Benjamin. Lauro Sodré: vida, caráter e sentimento a serviço de um povo. Rio de Janeiro, 1956, p.23.
- ³⁹ MORAES, Raymundo. Na Planície Amazônica. Manaus: Clássica, 1926. p. 108.
- ⁴⁰ IANNI, Octávio. A era do globalismo. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996, p. 87-92.
- ⁴¹ POUND, Ezra. Os Cantos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Canto LXXXV. p.591.
- ⁴² LUSTOSA. Antônio de Almeida, Dom. No Estuário Amazônico: À Margem da Visita Pastoral. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1976.
- ⁴³ RIBEIRO, João Ribeiro. In: MARANHÃO, Haroldo. Pará, Capital: Belém: Memória & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade. Belém: FUMBEL, 2000. p.302.
- ⁴⁴ COSTA, Antônio de Macedo, Dom. Compendio de Civilidade Christã. Paris: H. Garnier, 1879, p.1.
- ⁴⁵ ÁLBUM de Belém. Belém: F.A. Fidanza, 1902. p. 1.
- ⁴⁶ COUDREAU, Henry. Viagem ao Tapajós. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p.160.
- ⁴⁷ AMARAL, Fernando Medina do. Do vôo dos pássaros à dirigibilidade da navegação aérea. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1987.
- ⁴⁸ SOUZA. Júlio César Ribeiro de. Palavra de Mulher. In: ANTOLOGIA da Cultura Amazônica. Belém: Amazônia Edições Culturais, 1970. v.2. p.373.
- ⁴⁹ SOUZA. Júlio César Ribeiro de. Palavra de Mulher. In: ANTOLOGIA da Cultura Amazônica. Belém: Amazônia Edições

Culturais, 1970. v.2. p.373.

⁵⁹ Deiparae Virgini a Nazareth (Aquele que pariu Deus, a Virgem de Nazaré) inscrição existente na fachada da basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém-Pará.

⁶⁰ BLAKE, William. In: ROOB, Alexander. Alquimia e Misticismo. Colônia: Taschen, 1997. p.163.

⁶¹ GÊNESES. c. 3. vs. 5.

⁶² CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Haroldo de. Panorama do Finnegans Wake. São Paulo: Perspectiva, 1986.

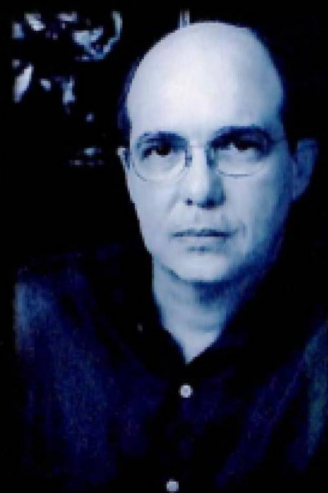
Desta publicação foram impressos
2.000 exemplares em papel
Print Max 120g (miolo),
Couchê Fosco 240g (capa) e
Supremo 350g (Cartões-postais).

Flávio Augusto Sidrim Nassar, nasceu em Belém em 1952. Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal do Pará onde leciona desde 1978.

Publicou na imprensa artigos abordando problemas urbanos e sociais de Belém. Essa é sua primeira aventura ficcional.

Casado com Mirtes Morbach, tem 4 filhos: Maria Luíza, Paulo André, Gabriel e Isabela.

flavionassar@gmail.com
<http://www.facebook.com/flavio.nassar>



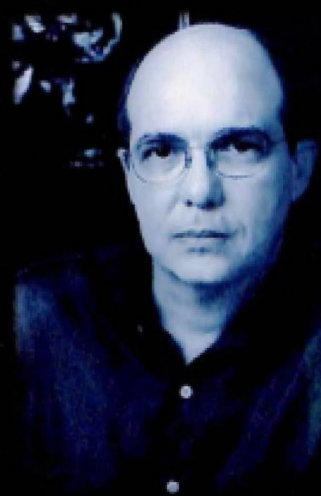
Flávio Augusto Sidrim Nassar, nasceu em Belém em 1952.
Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal do Pará
onde leciona desde 1978.

Publicou na imprensa artigos abordando problemas
urbanos e sociais de Belém. Essa é sua primeira aventura ficcional.

Tem três filhos: Maria Luiza, Paulo André e Gabriel.

www.flavionassar.arq.br

fsnassar@uol.com.br





Não tendes aqui uma história diretamente contada, seja em forma de drama ou de simples narração.

A sua matéria, o Juízo Final, como a finalização do processo temporal gerador do humanamente histórico, já é o oposto a qualquer História. E se a execução de tal Juízo pudesse ser contada, isso se passaria nas alturas apocalípticas, onde tudo se vê simbólica, senão alegoricamente, a menos que a História se rebaixasse, e fosse, passando do sublime ao cômico, como nesta história que vos conta Flávio Sidrim Nassar...

Benedito Nunes